

# convergência

MAI - 1975 - ANO VIII - N.º 81



- **A VIDA RELIGIOSA E A CATEQUESE**

Padre J.A. Ruiz Gopegui, SJ

Página 201

- **A EVANGELIZAÇÃO DOS HOMENS PRESOS**

Frei Ivo Lesbaupin, OP

Página 216

**CONVERGÊNCIA,**  
revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

**Diretor-Responsável:**  
Frei Constâncio Nogara

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:  
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar  
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-  
NEIRO — GB

---

**Assinaturas para 1975:**

---

Brasil, taxa única (via  
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00  
Exterior, remessa marí-  
tima ..... US\$ 17,00  
Avulso ..... Cr\$ 7,50

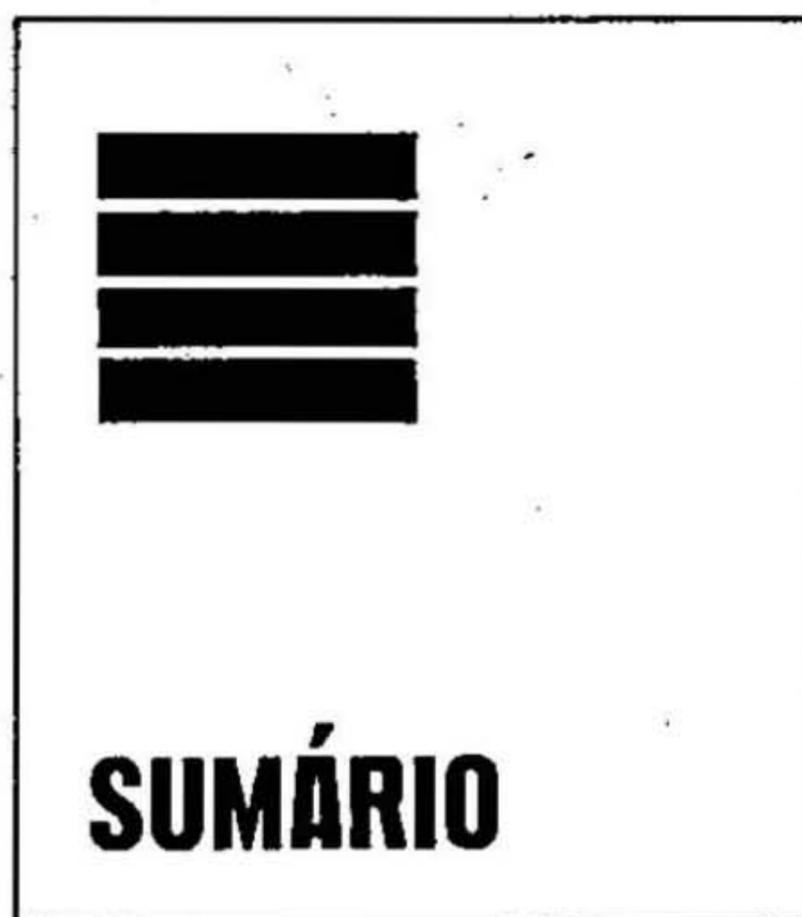
---

Os artigos assinados são da res-  
ponsabilidade pessoal de seus au-  
tores.

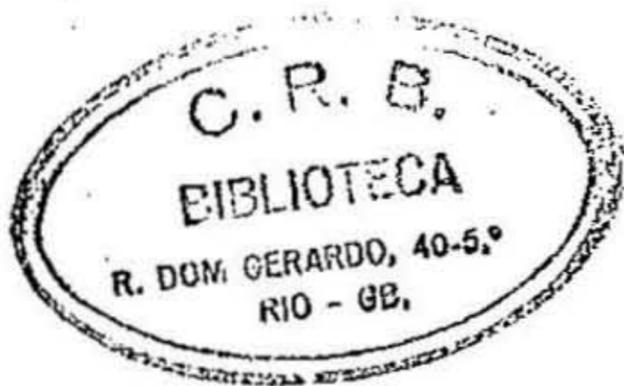
---

**Composição:** Compositora Helvé-  
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25  
Rio de Janeiro - GB.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da  
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,  
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



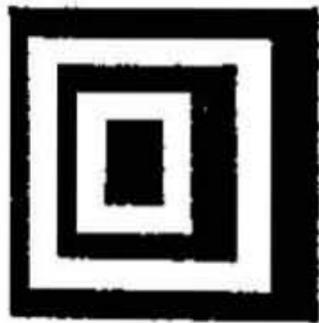
<b>EDITORIAL</b> .....	<b>193</b>
●	
<b>INFORME DA CRB</b> .....	<b>195</b>
●	
<b>A VIDA RELIGIOSA E A CATE- QUESE, Pe. Juan Antônio Rulz Gopegui, SJ</b> .....	<b>201</b>
●	
<b>A EVANGELIZAÇÃO DOS HO- MENS PRESOS, Frei Ivo Les- baupin, OP</b> .....	<b>216</b>
●	
<b>AS FILHAS DA CARIDADE E O MOVIMENTO BRASILEIRO DE REFORMA CATÓLICA NO SÉ- CULO XIX, R. Azzi</b> .....	<b>232</b>
●	
<b>LIVROS NOVOS</b> .....	<b>250</b>



Consideramos o Sermão da Montanha a súpula do Evangelho porque nele aparece com nitidez o ideal do discípulo do Senhor: amar além de toda medida, além da própria vida, amar nossos irmãos, sobretudo os que não podem corresponder. E as palavras de Cristo não deixam dúvidas: "felizes os pobres, felizes os sedentos, felizes os famintos, felizes os que sofrem perseguições por amor à justiça."

Temos consciência que uma coisa é conhecer o ensinamento do Senhor, outra bem diferente é pô-lo em prática. Uma coisa é impressionar-nos com os necessitados de toda espécie, outra é decidir-nos a assumir suas vidas por amor, para transformá-las. Na primeira atitude bastam palavras; na segunda, pede-se-nos parte de nossa vida, dom de nós mesmos.

Na primeira basta fazer um sermão; na segunda, sou convidado a carregar a cruz. E nisto estará a prova para os que desejam seguir o Mestre. É fora de dúvida que Jesus Cristo tem uma predileção especial pelos necessitados e marginalizados ou pelos que "precisam de médico", como nos diz ele. De acordo com as leis da eficiência humana, não há lógica nisso. Elabora-se um plano de salvação, lançando-se mão dos meios menos convincentes



**EDITORIAL**

e produtivos. Mas este é o mistério de amor que Deus nos revelou. E nisso deverá haver um sentido e muito profundo, por ser o marginalizado o símbolo de quem necessita, de quem busca ar mais puro, luz, espaço. Por serem os pobres as pessoas mais abertas e atentas a uma mensagem de libertação, de transformação e salvação. É gente que necessita. Os ricos, os satisfeitos, os seguros, os acomodados? Nem abrimos a porta ao Senhor que passa! Será bem difícil descobrirmos nosso irmão faminto e marginalizado, se não tivermos visto aquele que se "aniquilou por nós". Os autênticos discípulos do Senhor seguiram pelo mesmo caminho. Basta pensar nos santos fundadores de famílias religiosas. Na raiz de suas vidas há uma tomada de consciência aguda de que o Senhor se fez pequeno e pobre, e que, para ser digno dele, forçoso é reconhecê-lo nos mais deserdados e infelizes, nos crucificados de qualquer espécie. Após ter socorrido o Samaritano caído no caminho de Jericó, ouvimos a ordem: "Vá e faze o mesmo". Quem tiver ouvidos para este imperativo divino introduz outra lógica na vida: a lógica do serviço gratuito, da doação, do amor. Vai então descobrir que em cada curva da estrada há gente caída; no meio da rua há crianças sem lar; nos hospitais se amontoam milhares de indigentes;

nas favelas vegetam irmãos segregados; nas prisões subsiste o resultado do egoísmo individual e coletivo, ao nosso redor multidões errantes "sem rumo e sem pastor". Entre as muitas árvores frutíferas do jardim do Senhor há uma variedade numerosa de Famílias Religiosas que se dedicam especificamente aos sem-chance na vida, aos doentes, presos e pobres. Neste fascículo de **CONVERGÊNCIA** continuamos o tema Evangelização, com uma reflexão sobre Catequese, feita por um especialista no ramo: Pe. Ruiz Gopegui. Os milhares de catequistas religiosos e sobretudo religiosas que anunciam a palavra de Jesus Cristo nos lugares mais afastados, encontrarão aqui excelente inspiração. Não há muita gente que se dedica ao anúncio da Boa Nova às prisões, onde ocorrem permanentes e graves dramas humanos. Frei Ivo Lesbaupin nos dá sobre isso uma série de oportunas diretrizes. Queremos igualmente prestar nossa homenagem às Filhas da Caridade, pioneiras nos trabalhos hospitalares no século XIX aqui no Brasil. Os leitores poderão ver este benemérito trabalho, através da descrição de um especialista na matéria. Aqui deixamos mais esta pedrinha para incentivo da obra missionária no Brasil.

**Frei Constâncio Nogara, OFM**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### A IGREJA VIVA NA AMAZÔNIA

Por mercê de Deus e de meus irmãos, tive a alegria de conhecer, pela primeira vez, e sobretudo sentir e viver com os religiosos e religiosas da Amazônia, as experiências das Igrejas locais que se vão renovando. A viagem foi linda, por vários motivos: a beleza e poesia da natureza, a acolhida dos bispos e das casas religiosas, o conhecimento da realidade da vida religiosa e da pastoral. Há muita doação ao Cristo na pessoa dos irmãos, variedade de carismas e pluralidade de ministérios, esforço em vista de uma Pastoral Orgânica que congregue todos em prol da construção do Reino.

#### **Belém**

**1. Visita.** Em Belém do Pará, estive na Pequena Comunidade das Missionárias de Jesus Crucificado. Em vista de uma maior vivência evangélica, esta Pequena Comunidade pretende transferir-se do Centro para um bairro pobre. Com o Pe. Tiago Van Windem, visitamos várias fraternidades de religiosos e de religiosas, especialmente com Pequenas Comunidades que assumem paróquias suburbanas. Estivemos no **Instituto de Pastoral do Pará — IPAR —** que tem como objetivos:

- Formar agentes de Pastoral.
- Pesquisar a realidade religiosa.

— Assessorar os Bispos do Norte II. O IPAR, que mantém convênio com a Universidade Federal do Pará, forma seminaristas de várias Prelazias. Está realizando no momento uma pesquisa, tecnicamente bem montada, sobre o Círio de Nazaré e pretende fazer outras pesquisas sobre religiosidade popular, como: batismo, culto a Nossa Senhora, culto aos mortos.

**2. Encontro de Pastoral Indigenista.** Belém foi sede em janeiro de 1975 do V Encontro de Pastoral Indigenista promovido pelo Conselho Indigenista Missionário, CIMI. Contatos com religiosas que voltam de missões indígenas revelam a profundidade e a mística do trabalho. Numericamente os índios são poucos. Pequenas fraternidades de padres missionários e irmãs vivem no meio deles. Apesar de poucos, os índios inspiram missionários e missionárias que querem promovê-los de tal forma que achem soluções para seus problemas e façam a sua síntese cultural própria. Sentem a necessidade de mais professores bilíngues para levar adiante esta missão.

Outro contato interessante foi com uma religiosa, membro da Diretoria da CRB, Regional de Belém. Trabalha numa equipe técnica da FASE, dando,

nos treinamentos comunitários, a fundamentação sociológica. Em poucos anos, já conseguiu formar líderes locais, juridicamente unidos na **Associação Comunitária de Santo Antônio do Tauá**. Estes líderes assumem serviços de saúde e roça comunitária, preparam animadores de núcleos na manifestação da fé, com o objetivo de construir a Comunidade Eclesial de Base.

Mais um encontro de alcance foi com o Pe. Jean Hébert, economista belga, que participou da redação dos livros "A Invenção da Amazônia", "A Amazônia, Integração Nacional". Integrou-se ao Centro Internacional de Programa de Desenvolvimento da Amazônia para dar melhor base sociológica ao trabalho pastoral de sua congregação, a Congregação dos Padres Oblatos de Maria. Foi ainda solicitado para dar sua colaboração na CRB, Regional de Belém.

No Colégio das Filhas da Caridade pude perceber e sentir sua abertura para a Pastoral integrada, através de atividades, como: manhãs de reflexão, dinamização da Liturgia Paroquial pelos alunos do Grêmio, conscientização dos Professores e Pais a atuarem com os alunos como Educadores da Fé na formação.

## **S a n t a r é m**

Santarém foi o ponto central de meus trabalhos, pois o convite principal foi feito por Dom Tiago Ryan. Passei dez dias inesquecíveis de entrosamento com a Pastoral da Igreja local, especialmente no trabalho das religiosas e dos religiosos.

**1. Encontro das Religiosas.** Um encontro específico de vários dias reuniu religiosas — Missionárias da Imaculada Conceição e Adoradoras do Sangue de Cristo — de onze comunidades, duas de Santarém e nove de cidadezinhas do interior, algumas até de Óbidos. Sob a forma de discernimento espiritual e comunitário, ajudadas pelas colocações de Dom Tiago e dos Padres Franciscanos, 31 irmãs refletiram sobre a vida religiosa na Igreja Particular e o engajamento pastoral das religiosas. A oração, a reflexão e a dinâmica de trabalho foram intensivas. Chegamos a firmar as seguintes convicções:

**I.** A vida religiosa é vida cristã aprofundada a serviço da Igreja, sinal de sua vitalidade e de sua santidade. **II.** As escolas são centros importantes na Pastoral da Juventude, desde que sejam centros de evangelização entrosadas na Pastoral de Conjunto. **III.** Como religiosas educadoras sentimos que é importante renovar constantemente a pastoral escolar. **IV.** Desejamos maior aprofundamento nos assuntos de pastoral e especialmente de pastoral da juventude e pastoral vocacional. **V.** Unidas e engajadas na Igreja local, poderemos ser muito mais eficientes para a construção do Reino.

**2. Encontro de Padres e Irmãs.** O ponto alto do encontro foi o debate entre dezoito Padres, vindos da cidade e de paróquias do interior, e o grupo das 31 Irmãs. O diálogo franco firmou o desejo de trabalhar harmonicamente, fazendo um planejamento inicial em conjunto — comunidade religiosa e vigário — e avaliações periódicas.

**3. Núcleo CRB—Santarém.** Frei Alexandre, como Vigário Geral para as Re-

Ilhas, recentemente nomeado, ficou responsável de encontros trimestrais e retiros anuais de religiosos e religiosas. Assim o Núcleo Prelático CRB—Santarém tem o meio de aprofundar a espiritualidade da vida religiosa e sua expressão concreta na realidade amazônica.

**4. Educação.** As irmãs, nas pequenas cidades do Interior, têm a direção e o magistério nas Escolas do Estado. As condições, dada a precariedade dos recursos, são muito difíceis. Em Santarém, uma situação promissora foi criada pela liberação de um padre para a Pastoral Escolar. Uma equipe de sete pessoas, Frei Danilo, os Diretores e as Diretoras de colégios e duas coordenadoras da catequese urbana, têm por objetivo fazer dos três colégios religiosos da cidade, escolas educadoras da fé e entrosadas na Pastoral da Conjunto.

**5. Catequese rural.** A Prelazia de Santarém se distingue por múltiplas atividades pastorais, umas implantadas de longa data, como semanas catequéticas para a zona rural. Há pais e mães de família que participam já pela nona, décima e até décima primeira vez destas semanas. Realizam um trabalho de evangelização e de promoção humana nos lugares mais afastados. Tão arraigada está na consciência de cada um a importância destes dias de estudos e de reflexão, para poderem desempenhar melhor o papel de animadores das comunidades locais, que não hesitam caminhar a pé um dia inteiro e tomar o barco a vapor mais um dia inteiro, para não perder a oportunidade.

**6. A Comunidade Tiagão.** O fruto mais tangível do trabalho global de Pastoral parece ser a Comunidade Tiagão, destinada a seminaristas e atualmente coordenada por Frei Luís. Neste terceiro ano de sua existência, 18 novos ingressaram nela. Unem a vida de oração e de comunidade, planejada e tematizada, ao estudo do segundo ciclo num colégio religioso da cidade, e ao trabalho para a auto-sustentação, na parte da manhã. Atualmente conseguem cobrir metade das despesas. Arcam com a Pastoral da Confirmação para todos os jovens da cidade. Constituem uma verdadeira comunidade de fé numa real corresponsabilidade.

## **M a n a u s**

Em Manaus, os responsáveis pela CRB participam das principais promoções da Regional. As pessoas estão polarizadas pelo tema do **IX Congresso Eucarístico Nacional: Repartir o Pão**. Querem ajuda para que este momento importante da vida da Igreja não fique apenas em pastoral de massa, menos ainda em turismo, mas seja oportunidade de conhecer o trabalho missionário dos Agentes Pastorais de toda a Amazônia e de Repartir o Pão do carisma específico aos Institutos Religiosos. Desejam que os peregrinos recebam o impulso missionário que os leve a colaborar com estas regiões menos favorecidas. O Congresso será um meio para ajudar na consecução do grande objetivo de integração da Amazônia, realizada segundo os princípios evangélicos.

O encontro com a Equipe de Formadores revelou o fato pioneiro dos encontros mensais entre formadores para troca de experiências e aprofundamento

bíblico-teológico a nível de formação. A Equipe fez uma avaliação objetiva destes encontros em que se percebeu grande abertura recíproca, olhos voltados para as necessidades da Igreja, motivação e empenho crescentes pela Promoção Vocacional. Para isso, querem fazer um planejamento seguro e definido, pois a riqueza de experiências vividas e partilhadas, não dispensa de certa sistemática de aprofundamento teológico.

As congregações masculinas estão refletindo sobre a possibilidade de formar seus estudantes de teologia no Brasil. Para isso, além de recíproca comunicação dos formadores dos diversos institutos, precisam com urgência de professores especializados vindos do sul. Concomitante à vivência na Igreja local é indispensável uma sólida formação teológico-pastoral. Foi interessante perceber a ênfase que estas congregações dão ao carisma da vida religiosa em sua dimensão específica, sem que seja absorvida pela formação presbiteral.

Gostaria de citar igualmente a rapidez de aculturação e crescimento de uma congregação religiosa feminina, vinda do exterior há 25 anos. A província é de 180 membros, dos quais 175 são brasileiros. Fatos notáveis em Manaus são as reuniões gerais mensais de religiosos que enfatizam a oração e a reflexão, bem como as de religiosas. O trabalho de educação, com programas específicos de formação religiosa através da TV Educativa, cuja parte de conteúdo é supervisionada pela Irmã Teresa, dorotéia.

## Rio Branco

**A Igreja no Acre.** Em Rio Branco, visitei Comunidades Eclesiais de Base, verdadeira expressão de uma Igreja genuína, que está nascendo com toda a pujança de fé e de esperança na ressurreição do Cristo, mesmo em situações ambientais carentes. Com as religiosas e os irmãos nossos contatos foram muito ricos. Refletimos sobre estes pontos que julgamos essenciais no momento:

1.º) O que é para nós a vida religiosa? 2.º) A vida religiosa tem valor hoje na Igreja? Em que condições? 3.º) O que é questionado atualmente na vida religiosa? 4.º) O que o povo do Acre questiona da vida religiosa

Estes pontos nos levaram a um diálogo franco e amigo, onde a nossa missão evangélica como religiosas e religiosos fundamentou as colocações a que chegamos. Desta maneira foram apontadas como metas de concretização: **I.** Firmar nosso entendimento e entrosamento através de um diálogo franco. **II.** Aprofundar nossa vida religiosa também com retiros intercongregacionais. **III.** Planejar conjuntamente em nível de paróquia, colégios religiosos, hospitais. **IV.** Reforçar e intensificar o trabalho das irmãs nos grupos de evangelização. **V.** Refletir sobre a Pastoral Vocacional. **VI.** Realizar, por semestre, um retiro que reúna padres, irmãos e irmãs, tendo como dimensão específica uma colocação inicial, seguindo-se silêncio, reflexão em grupos e testemunhos.

**Partilhar o pão do carisma.** A maioria dos religiosos e das religiosas que trabalha na missão da Prelazia do Acre

e Purus (Servos e Servas de Maria, Irmãos Maristas) têm uma espiritualidade mariana. Este carisma específico, estudado de modo particular, será a contribuição que o núcleo prelatício de Rio Branco dará à Regional da CRB- Manaus, como partilha do carisma, por ocasião do IX Congresso Eucarístico Nacional de Manaus.

**Formação de Comunidades Eclesiais de Base.** No Acre não ultrapassam os 5% os habitantes que participam ativamente da vida da Igreja. A meta da Prelazia é dar condições ao Povo de Deus para que cresça na fé, e portanto, criar comunidades em torno da Palavra e da Eucaristia, concretamente vividos na caridade fraterna encarnada na situação real.

**Educação.** A situação escolar é das mais carentes do país. Basta dizer que entram na primeira série 32,4% das crianças escolarizáveis e destas, chegam apenas 13,3% à quarta série. Isto significa que apenas 4,3% daquelas devem ter feito o curso completo. São dados que mostram a urgência do trabalho educativo nestas regiões.

**Educação da fé engajada.** Um trabalho de educação de base, visando dar subsídios imediatos ao povo em dificuldades ambientais, foi a elaboração de três catecismos: 1.º) Da terra. 2.º) Da ação política. 3.º) Da ação social e promoção humana. São simples e acessíveis. Fundamentam as principais linhas de ação e sobretudo, tentam criar no homem uma atitude cristã diante de situações ambíguas.

**Meios de comunicação social.** O campo é total e gratuitamente aberto à

Igreja que, infelizmente, carece de líderes profissionais que possam atuar nele.

**Promoção da Igreja local.** Os padres, irmãos e religiosas que atuam na diocese são na sua maioria, missionários vindos do Sul do país e do exterior. O povo admira a coragem evangélica e o trabalho destas pessoas que deixaram zonas mais desenvolvidas, deixaram suas famílias e até mesmo sua pátria e que têm a preocupação crescente de se entrosar na realidade local para fazer nascer dela os seus ministros que lhe darão uma fisionomia tipicamente acreana.

**Carisma da vida religiosa.** Para nós da CRB é motivo de grande alegria ver que bispos, religiosos e padres acentuam na sua própria vivência a dimensão da vida religiosa, sem que esta seja absorvida pela dimensão presbiteral, mas antes a alimente.

**Em síntese.** A Igreja na Amazônia, em grande parte nas mãos de bispos e de vigários pertencentes a Institutos Religiosos, geralmente estrangeiros, está dando passos importantes para a construção de Igrejas Particulares, pois cresce a pluralidade dos carismas e ministérios. Pouco a pouco unem-se no mesmo objetivo padres diocesanos, irmãos, religiosos e religiosas de várias congregações, agentes locais de pastoral. Esta Igreja, provada pelas saídas de padres e de religiosas de valor, firma-se sobre o essencial: a espiritualidade engajada, vivida comunitariamente e suscitadora de comunidades de base e da pastoral orgânica. De um lado, os religiosos se firmam no carisma de seus respectivos institutos; de

outro, as religiosas se abrem a novos campos de pastoral e procuram meios para que suas obras, escolas e hospitais, promovam a educação da fé. Temos muito a aprender da coragem apostólica de nossos irmãos da Amazônia, mas não se pode esquecer que eles nos fazem um apelo incessante para

uma ajuda em pessoas e em recursos. O campo de trabalho é imenso e grande é a receptividade e a cooperação do povo.

**(Relatório de viagem da Irmã Jeanne Marie Tierny, OSU, à Amazônia, de 2 a 26 de fevereiro de 1975).**

# A VIDA RELIGIOSA E A CATEQUESE

---

PE. J. A. RUIZ GOPEGUI, SJ

---

## 1. EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE

### 1.1. Querigma e didaqué: momentos consecutivos ou aspetos simultâneos de um processo?

Antes de tentar uma reflexão sobre o papel do religioso ou da religiosa na evangelização ou na catequese, devemos responder a estas perguntas: que entendemos por evangelização e que entendemos por catequese?

Freqüentemente, nestes últimos anos, numerosos catequistas, que procuravam uma renovação nas Escolas ou Institutos de Catequese, aprendiam uma distinção que se tornou comum. A **evangelização** seria a proclamação do Evangelho; o **querigma** ou anúncio do evento da salvação, Jesus Cristo. Seu conteúdo estaria formado principalmente por fatos e seu objetivo seria a conver-

são. Seus destinatários, os não-cristãos ou aqueles que, embora se considerem sociologicamente católicos — por batismo e tradição de família — ainda não se converteram ao Evangelho. A **catequese** teria um caráter mais doutrinal. Seria um ensino que seguiria à conversão, em ordem a tirar as conseqüências do querigma para a vida do cristão, ou a aprofundar teologicamente o querigma. Teríamos assim três momentos bem diferenciados na educação da fé: o **querigma**, com caráter de mensagem; a **didaqué**, com a acentuação na doutrina moral; a **didascália**, ou aprofundamento teológico de caráter dogmático ou apologético (1).

Ao mesmo tempo tomava corpo entre os catequistas uma reação contra o caráter demasiado formal e teórico da catequese tradicional. A afirmação: **catequese é vivência**, tor-

nou-se um **slogan**. Mas esta reação, legítima e necessária, certamente, levou em não poucas ocasiões a um empobrecimento doutrinal da catequese. Era inevitável que isto acontecesse? Não haveria um ponto de partida falso em todas estas colocações, que levava a contrapor muito radicalmente mensagem e doutrina?

As distinções mencionadas acima chegaram até nós através de diversos centros de formação pastoral europeus, dos quais dependeu — de maneira muito servil frequentemente — nossa reflexão teológica. Tinham contribuído para essas conceituações o artigo, repetidas vezes citado nos estudos sobre o assunto, de A. Rétif: **Qu'est-ce que le kerygme?**, NRTh 71(1949) e o livro de C. H. Dodd, **The Apostolic Preaching** (London 1936). Estes teólogos partem de um pressuposto: O querigma seria, de acordo com os escritos neotestamentários, a proclamação do Evangelho aos não-cristãos. Estudos mais recentes mostram que tal redução do querigma primitivo não se justifica pelo testemunho do Novo Testamento (2). O que especifica o querigma é seu caráter de evento divino da salvação, presencializado e atualizado pela pregação na vida de cada homem, seja este cristão ou não-cristão.

Independentemente de tais estudos, os agentes empenhados nas tarefas concretas da evangelização de nosso povo, intuíaam facilmente que as distinções tão precisas e tão claras aprendidas nas escolas eram muito pouco funcionais face à realidade que deviam enfrentar. A evangelização aparecia-lhes como um **processo contínuo** — diversificado até o infinito pelas circunstâncias da vida

dos destinatários da mensagem. — No qual anúncio de Cristo, testemunho de uma vida voltada para as necessidades do irmão, desenvolvimentos doutrinários, celebrações litúrgicas, deviam caminhar juntos. Se em determinado momento a ênfase deveria ser dada a algum desses aspectos, isto era indicado pela situação concreta das pessoas ou das comunidades envolvidas no processo evangelizador, mais do que por distinções teóricas ou critérios pré-estabelecidos.

## 1.2. Uma volta às fontes em confronto com a realidade atual

Tudo isto é bastante aleccionador. É próprio da reflexão teológica aventurar hipóteses que deverão ser muitas vezes corrigidas ou abandonadas. É também muito útil o contato dos agentes pastorais com o pensamento das diversas correntes teológicas. Mas pensamos que a formação teológico-pastoral dos agentes da evangelização será muito mais enriquecedora e realista se for centrada numa reflexão sobre a própria experiência de fé, a partir de uma leitura das fontes bíblicas da fé cristã, no contexto da realidade existencial em que hão de viver e exercer seu ministério de evangelização. O Espírito foi prometido aos cristãos para capacitá-los para essa reflexão, que não pode ser privilégio dos teólogos de profissão.

A educação para uma leitura hermenêutica do testemunho dos Atos dos Apóstolos, sobre a experiência da evangelização das primeiras comunidades cristãs, será mais útil para

os agentes evangelizadores do que certas sistematizações teológico-pastorais enrijecidas. Há princípios simples de hermenêutica que poderão por eles ser facilmente assimilados. Mais do que descrever pormenorizadamente as etapas de um processo de evangelização, o livro dos Atos pretende testemunhar a ação de Cristo ressuscitado, através do Espírito, na vida da Igreja, que tenta os primeiros passos na sua missão de evangelizar os povos. Lucas não faz uma reportagem da pregação dos apóstolos. Com a liberdade que lhe permite o gênero literário que adota, apresenta esquemas do que deveu constituir o cerne da pregação apostólica. Por outro lado, o leitor dos Atos dos Apóstolos deve ter sempre em conta a situação concreta dos destinatários dessa pregação e compará-la ou confrontá-la com as situações de hoje.

### 1.3. Alguns exemplos do processo evangelizador, segundo os Atos

Em At 2,14-41, Lucas nos apresenta Pedro falando aos judeus e prosélitos reunidos em Jerusalém no dia de Pentecostes. O discurso está centrado no anúncio do acontecimento de salvação experimentado, na fé, pelos apóstolos: a manifestação do poder salvador de Deus na Ressurreição daquele Jesus que os judeus tinham crucificado. Este acontecimento é certamente o centro do querigma, mas inserido no contexto da história santa do povo de Deus, que Pedro relembra com rápidas alusões a experiências religiosas bem familiares aos ouvintes. Só assim o anúncio da morte e ressurreição do Senhor pode ter um sen-

tido para eles e tornar-se **querigma**: apelo de Deus à conversão no **aqui** e no **hoje** de sua vida. Por isso Pedro pode exortar a seus ouvintes, com a autoridade de Deus, a arrependerem-se e serem batizados no nome de Jesus para a remissão dos pecados.

Vemos que certos elementos do que chamaríamos nós uma catequese moral e sacramental já estão incluídos no querigma. Se não são desenvolvidos longamente (embora, dado o caráter esquemático destes discursos, não podemos saber como foram realmente desenvolvidos) é porque os ouvintes são homens de fé, para os quais expressões como “arrepender-se”, “batismo”, “perdão dos pecados”, tem uma significação muito densa, fruto de uma tradição religiosa secular. Por outro lado, muitos deles teriam presenciado, certamente, as ações de Cristo, ouvido suas palavras, acompanhado o processo que o levou à morte. O que Pedro trata de fazer no seu discurso é mostrar que nesses fatos se cumprem “para eles”, agora as **promessas divinas**, embora até então não tivessem sido capazes de reconhecê-lo. Não é isto uma verdadeira **didascália** ou interpretação teológica, com base nas Escrituras, dos acontecimentos da salvação?

Desta forma o sermão de Pedro faz parte de um processo de evangelização que começara bem antes. Como Jesus disse: “Um planta, outro colhe. Enviei-vos a colher o que não é fruto de vosso trabalho: outros trabalharam e vós aproveitais do seu trabalho” (Jo 4,37-38).

Notemos ainda um ponto fundamental para nosso estudo. O ponto

de partida da pregação de Pedro são os fatos que estão acontecendo diante dos olhos dos ouvintes: o fervor da comunidade apostólica movida pelo Espírito de Deus a anunciar com coragem, em todas as línguas”, a maravilhosa ação de Deus (“*magnalia Dei*”) na história do seu povo. Pedro convida os seus ouvintes a reconhecer os “sinais” dessa ação divina e interpretá-los em continuidade com a tradição religiosa do Antigo Testamento.

Um pouco mais adiante vemos a Pedro seguir o mesmo procedimento. Em At 3,12-26, o ponto de partida é a cura do cego que esmola à porta do templo, interpretada como sinal da ação vitoriosa de Cristo ressuscitado, presente pelo Espírito. Esse gesto dos Apóstolos, realizado em nome de Jesus, que liberta aquele homem da cegueira, faz parte certamente do processo de evangelização. O gesto é inseparável da palavra no anúncio do Evangelho. Jesus anunciou a boa nova da libertação com atos e palavras, com sua vida toda.

No discurso de Estevão (At 7, 1-60), um longo compêndio da história santa do povo hebreu faz parte do **querigma** ou anúncio de Cristo. A finalidade deste desenvolvimento histórico é mostrar a seus perseguidores a raiz donde procede sua rejeição de Jesus: a resistência obstinada à ação do Espírito, mil vezes repetida no relacionamento do povo com Deus. Com esta denúncia, Estevão trata de abrir os olhos daqueles que, ao apedrejá-lo, pretendem fazer um serviço à Deus. Sem reconhecer sua cegueira, como poderiam eles abrir-se ao anúncio de Cristo? Mas a proclamação do evangelho se prolonga

até o testemunho maior: Estevão morre, como seu Mestre, perdoadando seus algozes. Entre os perseguidores estava o jovem Saulo que, se bem não participou diretamente do crime, “*tinha concordado com o assassinio dele*” e guardado as vestes dos que o apedrejaram. Passou algum tempo antes de Paulo reconhecer sua cegueira e converter-se a Cristo. Mas a semente estava já lançada.

No episódio do encontro do ministro da rainha da Etiópia com Filipe (At 8,26-40), este toma como ponto de partida, para anunciar a Cristo, a leitura bíblica que esse homem piedoso está realizando. Toda uma catequese batismal, que talvez não precisou de longas explicações, dada a formação religiosa anterior do etíope, certamente incluída nesse **anunciar-lhe Jesus (eueggeliso auto ton Iesoun)** de que se fala no versículo 35. Só assim se explica o pedido do homem: “*Eis ai a água. Que impede que eu seja batizado?*” (v.36). E quando ele faz sua bela profissão de fé: “*Eu creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus*” (v. 37) (3), quantas vivências, quantas procuras de sentido, não encontram seu acabamento nesta singela afirmação? É de fundamental importância que notemos como todo este processo de evangelização é narrado de maneira que apareça ser o Espírito Santo o ator principal. Está aqui o ponto de convergência da perspectiva teológica adotada por Lucas na narração dos Atos dos Apóstolos.

#### **1.4. A evangelização: um processo permanente e aberto a novos desenvolvimentos doutriniais**

Outras muitas passagens do livro dos Atos poderiam ser analisadas. Interessa-nos agora acenar, ao menos, para um ponto muito importante em ordem à compreensão do processo evangelizador. A evangelização não está concluída com o batismo e a conversão. O Evangelho, como evento divino de salvação, deve constantemente ser anunciado às comunidades cristãs, que deverão permanecer numa atitude de permanente abertura à palavra de Deus, com seus apelos sempre novos, para uma conversão nunca terminada. As “insondáveis riquezas” contidas no Evangelho de Cristo (EF 3,8) serão explicitadas, dia após dia, num processo contínuo de evangelização. Tais explicitações não são apenas fruto da reflexão do homem, mas ação do Espírito, (que é o principal autor de todo aprofundamento doutrinário, verdadeiramente cristão) e, portanto, apelo divino para a conversão: evangelho.

Assim Pedro em Cesaréia (At 10,34-43) toma a palavra para anunciar que “Deus não faz distinção de pessoas (Deus não é segregacionista! diríamos hoje), que a “boa notícia da paz”, por Ele anunciada em Jesus Cristo, é também para os pagãos. Diante deste anúncio, atestado pelos sinais do Espírito, os “fiéis da circuncisão” compreendem e aceitam este aspeto — novo para eles — do Evangelho. Pedro pode anunciar esta boa nova porque pouco antes foi a ele “anunciada” pela ação do Espírito.

Em realidade nada há de novo nisto com referência a Jesus Cristo. Tudo nele está já contido. Mas o Espírito vai constantemente manifestando à Igreja suas “insondáveis riquezas”. A partir de um núcleo fundamental — o evento-Cristo — a evangelização, dirigida pelo Espírito, deve procurar constantemente a significação desse fato dentro de cada situação histórica. Tudo isto faz parte do “anúncio de Jesus”.

A proclamação do Evangelho inclui “a doutrina (didascalia), a exortação, a correção, a educação para a justiça e para toda boa obra” (2 Tim 3,16-17 e 4,2-5).

#### **1.5. A ação litúrgica momento culminante do anúncio do Evangelho**

Paulo diz aos cristãos de Corinto: “Todas as vezes que comeis este pão e bebeis deste cálice **anunciais** a morte do Senhor até que ele venha” (1 Cor 11,26). Diante de uma concepção “racionalista” do anúncio do Evangelho (da qual nunca estaremos suficientemente livres) esta afirmação de Paulo pode parecer estranha. Nada, contudo, mais em consonância com o sentido do querigma no Novo Testamento. Se ele é, como estamos vendo, anúncio de um evento divino de salvação, que se torna **presente** e **atual** no **hoje** da vida humana, se é presença real de Jesus Cristo, enquanto salvação oferecida por Deus a cada homem, através de gestos e palavras da comunidade chamada a testemunhar o Evangelho, a Eucaristia é o momento culminante

desse anúncio. Nela a "sacramentalidade" da proclamação do Evangelho, que é característica essencial do querigma, atinge seu ápice.

Anunciar a morte de Cristo, não é apenas tornar presente um fato do passado. É também torná-lo **atual**: anunciar pela força do Espírito a significação deste fato e as exigências que dele decorrem para uma determinada comunidade, como apelo divino de conversão. Vemos, assim, nesta passagem da carta aos Coríntios, como o anúncio da morte de Cristo, através do gesto sacramental, se desenvolve em exigência de participação comunitária dos bens, entre pobres e ricos que fazem parte da assembléia litúrgica. Assim como em Cor 10, 14-33 esse mesmo **anúncio** se traduz em diretrizes de uma moral verdadeiramente cristã, livre da escravidão a normas procedentes de coisas exteriores (e inferiores) ao homem, e centrada na "edificação" do homem novo à imagem de Cristo.

### **1.6. Uma "linguagem" que torne "significativo" o evento-Cristo na situação concreta do homem**

As análises anteriores nos mostraram que **evangelizar** é proclamar a boa notícia da libertação do homem, que nasce do amor de Deus aos homens manifestado em Jesus Cristo, de tal maneira que em tais circunstâncias essa proclamação seja ela mesma intervenção salvadora de Deus no **aqui** e no hoje da vida humana. Somente uma comunidade que tiver recebido do Cristo a missão de evangelizar poderá atrever-se, com temor e tremor, a ser no mundo, através dos seus gestos e suas pala-

vras, presença "sacramental" de Cristo. Somente a Igreja de Cristo pode evangelizar. E deve fazê-lo com toda sua vida.

Anunciar a Cristo é mais do que repetir fórmulas mortas. É tornar presente entre os homens, com atos e palavras procedentes da ação do Espírito em nós, o evento da salvação, Jesus Cristo, de maneira que surja um **anúncio significativo** para o homem no contexto de seu mundo cultural. Afirmar — **Jesus Cristo é o Senhor**, não é outra coisa senão confessar ter encontrado em Jesus o sentido absoluto da própria vida e da história dos homens. Mas essa confissão de fé, qualquer que seja a formulação com que se expresse, só poderá dar-se como resposta a um anúncio de Jesus apresentado numa **linguagem significativa** dentro de uma determinada visão do mundo.

Entendemos aqui por **linguagem** não apenas a palavra falada ou escrita, mas a vida humana, na sua globalidade, enquanto ao ser necessariamente vivida com um sentido, se torna por isso mesmo significativa: palavra, na sua acepção mais ampla e também mais densa. É claro que nem toda ação humana, isolada, é capaz de manifestar sem ambigüidade uma significação. A palavra falada será necessária, muitas vezes, para descrever o sentido de uma ação. Em contrapartida somente o gesto, a ação concreta, será capaz, em outras ocasiões, de mostrar o sentido e a autenticidade da palavra.

Em nossa leitura dos Atos dos Apóstolos, vimos como no processo da evangelização palavras e ação

ram juntas. Vimos também como os apóstolos e discípulos de Cristo procuravam que sua **linguagem** (feita de gestos e palavras) as tornasse significativa dentro da situação cultural e religiosa de seus interlocutores.

Uma conclusão se impõe: Nada mais artificial e arbitrário do que separar, no processo de evangelização, mensagem, doutrina, testemunho de vida, serviço libertador do irmão, ação do Espírito. O Evangelho de Jesus Cristo só pode ser mensagem na medida em que procura sua significação dentro da vida concreta do homem e dos povos (e isto é já a elaboração de uma doutrina). A doutrina por outro lado só é Cristo na medida em que procura o sentido do evento de salvação, Jesus Cristo, e a resposta do homem a esse apelo divino. Mensagem e doutrina só serão "boa notícia" de libertação divina, Evangelho do Reino, na medida em que a Igreja concretizar, na sua vida de serviço libertador dos irmãos, aquilo que proclama com sua boca. Só assim ela cumprirá sua missão de ser presença "sacramental" do Evangelho de Jesus.

O problema nevrálgico da Evangelização no mundo de hoje é, portanto, o seguinte: que palavras, que gestos de serviço fraterno, que atitudes fundamentais deverá adotar a

Igreja entre nós, para que toda sua vida seja uma "linguagem significativa" para o anúncio do Evangelho (4)?

Diante do pluralismo cultural e religioso de nosso mundo e, mais concretamente, de nosso povo brasileiro, seria uma ilusão pensar na possibilidade para a vida uniforme para a expressão do mistério de Cristo e de sua significação para a vida humana. Os tempos das "linguagens da fé" prontas para o consumo — se é que tais tempos alguma vez existiram — estão definitivamente superados. Cada homem, cada comunidade, deverão procurar sua "linguagem" da fé (com o qual não se nega a validade das tradicionais fórmulas como ponto de referência e de confronto de uma fé que ao encontrar a expressão que responda às circunstâncias de cada situação histórica não perde por isso sua identidade). Isto só será possível dentro de uma vivência comunitária que crie condições de diálogo, de verdadeira interação de consciências. Se é verdade que tal diálogo deve dar-se a nível tão amplo como a Igreja universal e o mundo, ele não será possível se não se apoiar numa experiência de diálogo e de relações ao nível das comunidades de base. Esta experiência adquire hoje uma importância capital no processo da evangelização.

## 2. VIDA RELIGIOSA E EVANGELIZAÇÃO

À luz destas considerações, podemos empreender uma reflexão sobre o papel da vida religiosa na ação evangelizadora da Igreja. Mostraremos em primeiro lugar como ela é

já por si mesmo uma "linguagem concreta" do Evangelho, uma expressão encarnada do Reino de Cristo presente no mundo. Existem certamente outras formas de vida que

tentam ser também expressão do Evangelho. Queremos apenas mostrar aqui como esta forma particular de vida — a vida religiosa — dá testemunho do Evangelho no seio de uma Igreja em que o Espírito distribui os carismas para a edificação de todo o corpo. Faremos isto refletindo em torno a três conceituações clássicas da vida religiosa: consagração total a Deus, seguimento radical de Cristo e procura do ideal da comunidade evangélica. A seguir tentaremos ver como os votos religiosos concretizam este projeto de vida a serviço do Evangelho. Finalmente apresentaremos algumas rápidas reflexões sobre a contribuição específica do religioso ao processo de evangelização no seu aspecto de proclamação e explicitação doutrinal da mensagem evangélica.

## 2.1. Vida consagrada a Deus e anúncio do Evangelho

A vida religiosa se tem compreendido a si mesma desde suas remotas origens (5) como uma vida totalmente consagrada a Deus. Esta formulação, por si mesma, não especifica o projeto cristão de vida religiosa: os termos, isolados da experiência que lhes deu origem, dizem muito pouco, e neles podem caber as mais diversas conceituações. A história está aí para mostrar-nos aberrações que podem esconder-se por trás da palavra **Deus**. Outro tanto pode dizer-se do termo **consagração**. Devemos, pois, olhar para o projeto de vida religiosa, tal como surge na Igreja, por inspiração do Evangelho, e nesse contexto tratar de entender

por que ela se autocompreende como uma consagração total a Deus.

Evidentemente a vida religiosa, ao definir-se assim, se refere ao Deus que se manifestou em Jesus Cristo. O ser-totalmente-para-Deus da vida religiosa é inseparável do ser-totalmente-para-o-irmão. Ao colocar a Deus como centro, no seu projeto de vida evangélico, a vida religiosa está destacando o aspecto fundamental da boa notícia anunciada aos homens por Jesus Cristo. O Evangelho é antes de tudo proclamação da **presença** do amor de Deus no coração de nossa história, como fonte da total libertação do homem. Proclamação que é ela mesma uma **forma de presença** desse amor de Deus. Jesus não propõe táticas humanas ou programas que garantam essa libertação. Diz ao homem, dilacerado pelas contradições dos seus próprios desejos e pela violência de um mundo onde os mais fortes pensam ter a chave da história, que a fonte da verdadeira reconstrução de um mundo humano é o amor de Deus, agindo entre nós. O mesmo Jesus se apresenta como um sinal vivo desse amor divino, que vemos na fraqueza e na fragilidade do amor que sabe doar-se aos irmãos.

Se sua vida — toda ela Evangelho — se apresenta como o mais radical apelo a uma mudança de rumo na vida dos homens e dos povos, que se traduzirá, certamente, em programas e táticas concretos de libertação fraterna, é precisamente porque, ao colocar Deus como centro e sentido último da vida humana, desmascarada a mentira dos projetos do mundo, o absurdo das estruturas que tornam fatalmente o homem vítima

do homem, o sem-sentido de uma construção da história que gera necessariamente discriminações arbitrárias entre os homens. Porque faz resplandecer, no rosto do homem desfigurado pelo sofrimento que nasce da opressão, a glória de Deus. Porque faz do amor do irmão um absoluto que se identifica com o absoluto do amor a Deus.

Ao colocar a Deus como “o único necessário”, a vida religiosa não se afasta do irmão. Volta-se totalmente para ele, ao voltar-se para a única fonte donde procede a “boa notícia” de sua autêntica libertação. Neste sentido o religioso, por seu projeto de vida, quer ser “abertura total”, “atenção constante” à Palavra de Deus, para poder ser, entre os irmãos, sinal e presença dessa palavra: Evangelho. O religioso testemunha assim — por sua vida de total consagração a Deus — um aspecto essencial do Evangelho: ser anúncio que não procede dos homens, mas de Deus.

## **2.2. Seguimento radical de Cristo e anúncio do Evangelho**

A vida religiosa se compreende a si mesma, também, como uma vida de seguimento radical de Cristo. Inspira-se na vida daquele grupo de discípulos, homens e mulheres, que acompanham Jesus em todos os passos de seu ministério, “deixando casa, ou mulher, ou irmão, ou pais, ou filhos, por amor do Reino de Deus” (Lc 18-29). É uma vida que, à imitação da vida de Cristo, de tal forma foi marcada pelo absoluto do Reino, que quer tornar-se toda ela expressão ostensiva (pela sua singu-

laridade) da urgência, para todo homem, de uma resposta ao Reino de Deus, presente em Jesus. Os evangelistas nos apresentam outras pessoas totalmente devotadas a Jesus e a seu Reino, que continuam, a levar sua vida comum, sem que por isso sejam consideradas menos perfeitas. A vida religiosa não pretende competir com outras formas de servir ao Evangelho. Com seu projeto particular de vida, o religioso tenta humildemente “proclamar existencialmente a relação absoluta que o Evangelho estabelece com o ser-homem”, para usar uma feliz expressão de Tillard.

O Evangelho pode exigir de todo cristão, em determinados momentos da vida, renúncias radicais (até mais radicais, às vezes, que aqueles que o religioso livremente assume). O religioso e a religiosa, pretendem colocar-se, de uma vez por todas, nessa atitude de renúncia a valores de per si compatíveis com o Reino, de maneira que toda sua vida seja expressão da primazia dos valores do Evangelho sobre qualquer outro valor: uma linguagem concreta que anuncie aos irmãos ser o Reino de Deus o único que dá sentido e validade “plenamente humanos” a qualquer valor da vida.

Desta forma, a vida religiosa — além de situar o homem em total e permanente disponibilidade para o anúncio do Evangelho — é por si mesma uma “linguagem encarnada” da boa nova do amor de Deus aos homens que se manifestou em Jesus Cristo.

### 2.3. A procura do ideal de comunidade evangélica e anúncio do Evangelho

Outra das fontes bíblicas em que a vida religiosa se inspira é o ideal da primitiva comunidade cristã de Jerusalém, testemunhado nos Atos (At 2,42-47 e 4,32-37). Toda comunidade cristã deve ter diante dos olhos este ideal de vida evangélica: uma vida que, por ter chegado o Reino de Deus, tenta concretizar a fraternidade anunciada por Cristo, pela oração em comum, o “partir do pão”, a solicitude pelo crescimento do irmão e a partilha dos bens para a ajuda dos mais necessitados. Iniludivelmente os cristãos viverão sempre a tensão criada por este ideal de vida e a sua inserção nas estruturas de um mundo ainda não totalmente transformado pelo Evangelho. A comunidade religiosa — sem poder fugir totalmente a esta tensão — procura criar condições de vida mais favoráveis à vivência deste ideal de comunidade evangélica, para ser assim uma singular expressão do Evangelho e um fermento transformador das estruturas do mundo, em vistas à realidade do Reino presente em Jesus Ressuscitado.

Esta vivência comunitária coloca o religioso numa particular disponibilidade para o anúncio do Evangelho, confiado por Cristo não a homens isolados mas a uma comunidade unida pelo Espírito: a sua Igreja. Os cristãos poderão encontrar no ideal comunitário da vida religiosa um estímulo e uma inspiração para a edificação da comunidade cristã que todos devem formar para o serviço do Evangelho no mundo. As-

sim o projeto de vida comunitária do religioso é já uma “linguagem” significativa do Evangelho.

### 2.4. A vida em pobreza, castidade e obediência e o serviço do Evangelho

Estas três conceituações da vida religiosa e outras que podem ser tentadas, não são senão enfoques diversos de uma mesma realidade: a consagração ao Evangelho através de uma forma particular de vida. Esta forma de vida se estrutura tradicionalmente em torno aos votos de pobreza, castidade e obediência. Não reduz a eles. Não há dúvida, contudo, que os votos tentam concretizar aquele “deixar casa, ou mulher, ou irmão, ou pais, ou filhos, por amor do Reino” de que nos falou Jesus. Devemos, pois, ver como eles contribuem para que a vida religiosa seja um testemunho evangélico, uma forma particular do anúncio do Evangelho.

Seguindo a Jesus pobre, o religioso tenta imitar o estilo de vida do seu Mestre, que fez da **pobreza uma forma de liberdade** para o anúncio do Reino, uma profecia e uma presença visível do amor de Deus aos mais pobres, marginalizados pela sociedade, e uma denúncia do pecado de um mundo que pretende construir-se sobre a concorrência desalmada pela posse egoísta dos bens que Deus colocou na terra para serviço de todos. A recusa do religioso a colocar sua segurança na posse exclusiva dos bens materiais e a partilha comunitária dos mesmos para o melhor atendimento dos mais necessitados, são já — na medida em que isto

seja vivido com verdade e realismo histórico — uma forma concreta de manifestar a presença do amor de Deus entre os homens, como fonte de construção de uma sociedade fraterna. São também um sinal que antecipa e anuncia a comunhão total dos bens no estado definitivo do Reino, onde destruídas todas as barreiras que separam os homens, só restará aquilo que é comum a todos: a dignidade de filhos de Deus.

Renunciando pelo voto de **castidade** ao amor conjugal e a toda manifestação afetiva ligada a essa forma de amar, o religioso procura seguir o modo de vida de Cristo, célibe por causa do Reino. Por este caminho particular de vida, dá testemunho daquele amor de Jesus, o homem totalmente disponível para todos, especialmente para os mais necessitados de afeição. Não há dúvida que o cristão casado deve encontrar no seu amor familiar a fonte de um amor aberto a todos, expressão da universalidade do amor de Deus. Mas a vida célibe do religioso, a virgindade da religiosa, libertando-os — como a pobreza — de todo enraizamento num meio determinado, pode ser uma maneira singular de manifestar a universalidade e a total disponibilidade do amor daquele que, sendo o-homem-para-todos, anuncia a alegre notícia da presença atuante no mundo do amor de Deus, que não perde em nada da profundidade e da ternura para cada um pelo fato de estender-se a todos os homens.

Queremos salientar neste momento (embora poderíamos igualmente fazê-lo por ocasião do estudo da pobreza ou da obediência) um aspecto

da vida religiosa hoje por não poucos contestado e por muitos não compreendido. Por que se ligar por um voto para levar esse modo de vida? Não seria melhor conservar a liberdade de escolha a cada momento? O religioso e a religiosa que tiverem procurado viver sua consagração a Cristo e aos irmãos, num esforço cotidiano de fidelidade, terão experimentado que é precisamente a recusa definitiva e constantemente renovada a procurar no “outro” o complemento afetivo da vida conjugal, aquilo que abre os horizontes do **amor novo** que se fundamenta no amor de Jesus. O amor por ele anunciado e por ele vivido. Um amor capaz de uma profundidade, uma ternura e uma liberdade desconhecidas pelo “mundo”.

É este amor, generoso e arriscado, alegre no meio das contradições, só é possível se o homem se afirmar num amor que o liberta deste constante flutuar nas ondas do desejo e de seus complexos dinamismos, marcados pela ambigüidade, quando não pela tirania. O religioso que procura dia-a-dia encontrar esta firmeza do seu amor, na sua consagração definitiva a Cristo, experimentará como essa sua maneira de amar pode ajudar seus irmãos, homens e mulheres, a descobrir essa forma evangélica de amar, verdadeiramente livre e libertadora. Poderíamos ver como, analogamente, é a promessa de fidelidade incondicional do matrimônio aquilo que possibilita ao amor conjugal cristão a sua abertura, sem medos e sem ambigüidades, ao amor universal do Evangelho.

A liberdade e a disponibilidade para o Reino, que nascem da vida

em pobreza e em castidade, encontram sua plenitude no voto de obediência. A forma particular de liberdade procurada numa vida pobre e celibatária (ou de virgindade) não tem outra finalidade senão poder em todo instante "servir ao Reino", que é precisamente o objetivo do voto de obediência. A vida de Jesus nos mostra que obediência ao Pai e Reino de Deus se identificam existencialmente nele.

Vemos assim o valor da obediência do religioso. Não podemos negar que aqui se coloca um problema muito sério para a vida religiosa: se ela não é estruturada de maneira a ser uma procura constante, por parte de toda a comunidade, da vontade de Deus para serviço do Evangelho, atenta sempre aos sinais do Espírito, a obediência a um superior pode tornar-se infantil e escravizante, tendo muito pouco a ver com o Reino. Mas se a obediência do religioso é vivida no interior da obediência de toda a comunidade (e da Igreja toda) ao Evangelho, então ela desabrochará naquela alegria irradiante que Jesus manifestou quando disse aos discípulos que voltavam exultantes de uma missão: "Eu te bendigo Pai... porque escondeste estas coisas aos sábios e as revelaste aos pequenos" (Lc9,21). A alegria de ver que o Evangelho se encarna no coração dos homens.

Pelo voto de obediência, vivido na sacramentalidade da Palavra eclesial que manifesta a vontade do Pai, o religioso viverá a alegria de saber que toda sua vida é um serviço ao Evangelho, ou, simplesmente, Evangelho: alegre notícia de que o amor

de Deus desceu ao coração dos homens para a libertação do mundo.

## **2.5. A vida religiosa e o anúncio explícito do Evangelho**

Depois de ter visto como toda a vida religiosa é anúncio do Evangelho, resta-nos fazer algumas reflexões, que resultarão necessariamente incompletas, sobre a contribuição específica do religioso e da religiosa ao processo evangelizador, no seu momento de proclamação e explicitação doutrinal da mensagem evangélica, inseparável, como vimos, do testemunho global que a Igreja dá do Evangelho com toda sua vida.

Salientamos já como o ponto nevrálgico desta proclamação é o problema da "linguagem". Num tempo em que, por condicionamentos de ordem social, se dava por suposta a adesão de nosso povo à fé cristã, a transmissão da "doutrina cristã" podia ser confiada a catequistas que a repetiam sem tê-la eles mesmos interiorizado, não poucas vezes. Numa recente pesquisa apresentada por Pedro A. Ribeiro de Oliveira, poderemos encontrar exemplos bem concretos disto (6). Nesse trabalho, o autor mostra como a renovação catequética, que está tendo lugar entre nós nestes últimos anos, pode caracterizar-se pela mudança de relações entre agentes e destinatários da Evangelização

O catequista tradicional transmitia — como porta-voz do vigário — uma série de noções religiosas, memorizadas freqüentemente e, às vezes, mal compreendidas, que os seus alunos deviam aprender. Exigia-se dele, principalmente, submissa fide-

lidade às orientações do vigário e exemplaridade de vida. Tal tipo de catequese podia sustentar-se numa sociedade em que certas vivências e costumes cristãos passavam de pais para filhos, pelo próprio processo de socialização cultural. Muitas dessas vivências, costumes e até noções religiosas faziam parte de nossa cultura e de nosso vocabulário. Mudada esta situação sócio-cultural, a socialização da fé deve seguir outros caminhos.

A pesquisa mencionada mostra como, de fato, estes novos caminhos estão aparecendo. O agente da Evangelização deve primeiro interiorizar aquilo que vai transmitir aos outros. Crescer numa vivência cristã, no seio de uma comunidade, que reflete sobre os dados dos evangelhos e procura encontrar sua própria "linguagem da fé", para depois realizar essa mesma experiência no seio da comunidade a que é enviado, num processo dialogal "da fé para a fé", que supõe uma constante interação de consciências. Nessa comunidade ele não se apresentará como alguém que leva uma doutrina pronta e tem todas as respostas, mas como um irmão entre irmãos que procura com eles abrir seu coração à presença do Evangelho de Jesus Cristo, maior que todas nossas explicitações ou conceituações.

Uma permanente atenção à situação real dos homens, às suas vivências religiosas anteriores que, por estranhas e ecléticas que pareçam, podem muitas vezes esconder uma profunda atitude de fé, será absolutamente necessária. Vemos que este processo, feitas as devidas transposições hermenêuticas, não é outro se-

não o seguido pelos Apóstolos, segundo o testemunho dos atos. A cura do cego, realizada por Pedro, que serve de ponto de partida para o anúncio do Evangelho, pode ser, hoje, um serviço para o desenvolvimento e a libertação do irmão, feito em nome de Jesus.

Não se trata, pois, de contrapor mensagem e doutrina, vivência e aprofundamento teológico, ação libertadora e boa nova de libertação, mas de um processo complexo e diversificado pelas circunstâncias, que integrando o conjunto da vida e das relações entre servidores e destinatários do Evangelho, procura o crescimento numa vivência cristã que saiba dar "a razão de sua esperança" (1 Pe 3,15).

Não serão necessárias longas argumentações para mostrar a contribuição privilegiada que, para essa elaboração de uma linguagem da fé no seio das comunidades cristãs, podem dar os religiosos. Não consagram eles sua vida à procura constante dessa linguagem da fé no seio de uma comunidade que faz do Evangelho sua razão de existir? Nem se diga que sua maneira particular de consagração ao Evangelho, em ruptura com a vida do mundo, os afasta da realidade concreta dos irmãos. Se isso acontecer (e pode ter acontecido em muitas ocasiões), podemos suspeitar que está havendo um desvio da autenticidade evangélica da vida religiosa. A ruptura com o mundo, do religioso, a recusa a fazer dos bens do mundo o objeto de seus desejos, só tem sentido na perspectiva do Evangelho, se for para aproximar-se mais dos verdadeiros valores e anseios dos

homens, revelados por Cristo. O religioso se liberta da "concupiscência do mundo", para mais facilmente **estar com** os irmãos, no mundo, em ordem à construção do homem novo e da terra nova que estão nascendo pela presença atuante, na história, do Senhor ressuscitado.

A vida religiosa, nos seus momentos mais autênticos, foi sempre na Igreja a terra fértil onde germinaram e nasceram as mais gritantes vozes proféticas, os mais revolucionários movimentos de renovação evangélica. A vida religiosa nasceu frequentemente como projeto de contestação, quando o Evangelho, na vida dos cristãos, estava em perigo de perder suas arestas e acomodar-se facilmente aos costumes pagãos. Para que ela continue a ser fiel às suas origens, para que possa prestar um serviço relevante ao Evangelho, neste momento de profundas mudanças culturais e sociais, deverá procurar expressões de vida que respondam às necessidades reais dos irmãos. Para não mencionar mais do que um aspecto desta exigência de resposta aos tempos, no nosso continente, a vida religiosa só será verdadeiramente significativa em função do Evangelho, se encontrar formas de vida que respondam às necessidades urgentes de libertação de milhares de homens marginalizados em tantos setores da vida, a começar pelo setor religioso.

Tais caminhos estão começando a ser descobertos por muitas comunidades religiosas. Falar do papel do religioso ou da religiosa na Evangelização, equivaleria a fazer desfilar aqui experiências, das quais muitas somente são conhecidas por aqueles

que no anonimato, em lugares distantes e obscuros, as estão realizando. Outras irão surgindo, guiadas pelo Espírito. São esses religiosos e religiosas que irão escrevendo, com suas vidas, algo de realmente significativo para esclarecer o papel do religioso na Evangelização. Nós devíamos contentar-nos com ressaltar alguns princípios e pressupostos que nos parecem básicos para a colocação do problema.

Apontaremos ainda para uma contribuição que os religiosos poderão dar a ação evangelizadora da Igreja, no momento presente. Nesta Igreja, que está tentando os primeiros passos para deixar de ser predominantemente clerical, é possível que os religiosos e religiosas, não sacerdotes, venham a ter um papel relevante na consciência cristã em ordem a um compromisso mais lúcido de todos os membros da Igreja na ação evangelizadora. Muitos deles já estão sendo a ponte capaz de acabar com o abismo, criado por séculos de história, que separava o leigo cristão e os ministros hierárquicos, no processo da Evangelização. Sua ação evangelizadora, realizada conjuntamente com outros leigos não religiosos, irá encontrando na prática caminhos concretos para a solução do problema, tão urgente entre nós, de novas formas de ministério para o anúncio do Evangelho. Mas tudo isto acontecerá (ou já está acontecendo), na medida em que as comunidades religiosas souberem libertar-se das formas em que no passado viveram sua consagração ao Evangelho, para encontrar uma nova "linguagem de vida", encarnada na realidade atual de nosso povo.

## NOTAS

1. Assim, por exemplo, A. Rétif distingue do querigma, a catequese e a didascália. O querigma, segundo ele, anuncia o Reino de Deus que chegou em Jesus Cristo, em ordem à conversão. A catequese (didaqué) seria a iniciação, sobretudo moral, à doutrina cristã. A didascália, um ensino mais intenso com argumentação e citações da Sagrada Escritura. Rétif admite, contudo, que a terminologia é flutuante no Novo Testamento.

2. RAHNER, K., e LEHMANN, K., **Querigma e Dogma**, em *Mysterium Salutis*, I/3, páginas 119-194, Vozes, 1971, onde o leitor encontrará abundante bibliografia sobre o assunto. Nós abordamos este tema do ponto de vista pastoral, no artigo **Evangelização: algumas reflexões críticas**, Comunicado Mensal, CNBB, n.º 238, julho de 1972, páginas 22 a 29.

3. Este versículo falta em alguns códices. Mesmo que seja uma interpola-

ção tardia, isso não diminui o valor de nossa argumentação, se é levada em conta a maneira da composição dos discursos nos Atos.

4. Tratamos deste assunto em vários artigos: **Evangelização, problema de linguagem**, Comunicado Mensal, CNBB, n.º 239, agosto de 1972, páginas 135-140; **Evangelização e Comunicação**, Comunicado Mensal, CNBB, n.º 240, setembro de 1972; **O discurso sobre a linguagem e a evangelização do mundo contemporâneo**, Boletim da AEC, ano 3, n.º 12, 1974.

5. Remetemos o leitor que se interessar por um estudo profundo, ao mesmo tempo teológico e histórico, da vida religiosa, à valiosa obra de J. M. TILLARD, **Devant Dieu et pour le monde**, Ed. du Cerf, 1974.

6. RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro A., **Catequese e socialização da fé**, CNBB-CERIS, Rio de Janeiro, 1974.

# A EVANGELIZAÇÃO DOS HOMENS PRESOS

---

FREI IVO LESBAUPIN

---

## I — A Evangelização

A Igreja é a comunidade dos homens que descobriram Jesus Cristo e a Ele aderiram como Libertador Universal que leva o mundo e a história à sua plena realização. Tendo recebido a Boa Nova da Salvação, os cristãos se sentem compelidos a transmitir a seus irmãos as alegrias e as esperanças que encontraram para que elas iluminem e transformem as tristezas e as angústias existentes. O amor de que foram imbuídos os compromete de um modo especial com os pobres, com os marginalizados, com os que sofrem (*Gaudium et Spes*, n. 1). É por isso que a evangelização constitui a função essencial da Igreja e a razão de ser de sua existência. Pelo testemunho de vida, pela ação e pela palavra, os cristãos devem ser sinal da Boa Nova trazida por Jesus Cristo.

Que Boa Nova é esta?

Ao iniciar a sua pregação, Jesus proclama: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para levar a Boa Nova aos pobres, anunciar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista, dar liberdade aos oprimidos, proclamar o ano da graça do Senhor (...). Hoje se cumpre esta palavra da Escritura que acabais de ouvir" (Lc 4,18-21). A Libertação é a realidade que Cristo veio proclamar e realizar. Como afirma o episcopado latino-americano reunido em Medellín: "É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos, envia seu Filho para que feito carne liberte a todos os homens de todas as escravidões a que os sujeitou o pecado: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, em uma palavra, a injustiça e o ódio que têm sua origem

no egoísmo humano (...). Na História da Salvação, a obra divina é uma ação de libertação integral e de promoção do homem em toda a sua dimensão, que tem como único móvel o amor" (2).

Portanto não se pode mais separar evangelização e humanização. A evangelização deve levar o homem a se libertar das desumanidades e das injustiças em que se encontra. A descoberta de Jesus Cristo como sentido para a vida implica no crescimento desta vida: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Onde o homem se torna mais homem, pela superação da fome, da miséria, da opressão, pela descoberta do outro, pela solidariedade, pela capacidade de doar a vida pelo irmão, Jesus Cristo Salvador se torna presente. "Para quem tem fé, a promoção humana não é apenas promoção humana; é a mediação concreta pela qual se historiza no mundo a graça divina e a libertação trazida por Jesus Cristo" (3). É importante, pois, que a evangelização leve os homens a descobrir Jesus Cristo em todas as suas dimensões, não apenas em teoria, em palavras, mas na prática. Sem isto a adesão pessoal e explícita a Cristo seria infundada.

Em se tratando da evangelização dos homens presos, daqueles, portanto, que são os mais marginalizados da nossa sociedade, marginalizados antes da prisão e depois pelo isolamento da vida social e privação da liberdade, teremos de nos preocupar fundamentalmente em devolver-lhe a fisionomia humana que lhes pertence, em recuperar-lhes a humanidade que neles está desfigurada

pelos sofrimentos que padecem: é preciso de fato **salvá-los**. É necessário que o preso redescubra seu valor como homem, que encontre e desenvolva as suas potencialidades, que passe a ter confiança, a acreditar em si mesmo, a não mais se desprezar como um inútil, um incapaz, um predestinado à marginalidade. Nosso papel será ajudá-lo a assumir a sua vida, a dar-lhe um sentido próprio para não ser vítima das "fatalidades", a enfrentar as dificuldades, a ter esperança (não utópica) na construção do seu futuro. Nossa missão será despertá-lo para o outro, para a solidariedade, para a superação do egoísmo e o encontro do amor como sentido para a vida.

Os meios de evangelização de que dispomos — a pregação, a celebração eucarística, os encontros de oração, os cânticos, os círculos bíblicos, etc. — devem ter esta preocupação. Não podemos falar apenas de realidades "espirituais". É a vida do preso, em seus vários aspectos, que deve ser refletida por ele à luz do Evangelho. Pregar Jesus Cristo aos presos não é fazer-lhes uma exposição doutrinal dos dogmas cristãos, nem tampouco submetê-los a um curso bíblico completo. Também não nos devemos preocupar se não houver conversões ou se as conversões não forem duradouras. Isto se deve mais às condições carcerárias do que ao preso. O importante é que de todos os modos o preso seja levado a crescer humanamente, a se descobrir, para que possa perceber na sua vida a presença de Jesus Cristo e tenha condições de aderir explicitamente a Ele, em comunidade. Fazendo isto, estaremos evangelizando.

## II — A Marginalidade Criminal

### 1. As causas

A condição básica para toda e qualquer evangelização é o conhecimento daqueles a quem queremos anunciar a Boa Nova (4). Devemos tomar em conta uma primeira constatação: a grande maioria dos marginais provém do meio pobre ou miserável; os demais provêm da classe média baixa. Isto nos leva imediatamente a relacionar a marginalidade criminal com a marginalidade social. Inúmeras teorias afirmam que o criminoso é fruto de uma deformação de nascença ou de certo tipo anatômico-fisiológico ou também de certas características psíquicas. Devemos dizer, porém, que, salvo raríssimas exceções de doenças mentais congênitas, ninguém nasce com tendências à marginalidade. Do contrário haveria marginais em todas as classes. O indivíduo se torna marginal devido a suas condições de vida, que já são socialmente marginalizadas: miséria, subnutrição, dificuldades da vida de uma família pobre, trabalho prematuro, ausência de educação, de escolarização, promiscuidade sexual, insegurança financeira, falta de assistência médica e hospitalar.

Estas são as condições propícias para o surgimento da vida marginal. É o quadro onde surgem os menores abandonados, dentre os quais aparecerão futuros marginais. A pressão da necessidade é que os leva ao roubo. E da necessidade ao hábito é um passo, sobretudo pela dificuldade de emprego para trabalhadores não-

qualificados. Acrescente-se a isto toda a propaganda de uma sociedade de consumo que apela para a utilização dos mais variados bens, que só podem ser obtidos por meio do dinheiro por vias normais — um bom emprego, um bom salário — a tentação para o roubo é muito grande. A desigualdade social enorme, o luxo e a superfluidade ao lado da miséria, exercem um forte atrativo sobre as pessoas carentes. Como escreve um ex-marginal:

“Aliás, a moral que pretende apresentar a inveja como um defeito ou um pecado está em completo desacordo com o sistema econômico em vigor. A sociedade dita de consumo não faz tudo para excitar, através de uma publicidade embrutecedora e exagerada, a inveja de cada cidadão (...)? O drama é que suas propagandas se dirigem tanto (e sem dúvida mais) ao pobre quanto ao rico. A este pode perfeitamente se oferecer um objeto cujos falsos méritos e cujas qualidades imaginárias são alardeadas. Mas e o pobre, quem me dirá o que ele deve fazer (...)? Eu considerava minha reação rigorosamente sã e lógica; parecia-me normal aspirar à posse das coisas que a sociedade se esforçava para me fazer admirar e, por conseguinte, cobiçar” (5).

Estão assim formadas as condições para o aparecimento da marginalidade. É a análise que encontramos no último livro de Michel Foucault, sobre as prisões, “*Surveiller et Punir*”:

“São estes processos que nós encontramos por trás de toda uma série de afirmações bem estranhas à teoria penal do século XVIII: que o crime não é uma virtualidade que o interesse ou as paixões inscreveram em todos os homens, mas é quase exclusivo de certa classe social; que os criminosos, que eram encontrados outrora em todas as classes sociais, saem agora “quase todos da última categoria da ordem social”; que “nove décimos dos homicidas, dos assassinos, dos ladrões e dos covardes são extraídos do que nós chamamos a base social”; que não é o crime que torna alguém estranho à sociedade, mas que o próprio crime é devido ao fato de que se está na sociedade como um estranho, que se pertence a esta “raça degenerada” da qual falava Target, a esta classe degradada pela miséria” (6).

O mesmo diz o Dr. Hélio Bicudo, analisando as “Causas da Criminalidade”:

“Quanto à pressão econômica, vale a pena transcrever a palavra autorizada do professor Lopez-Rey y Arrojo, por nós já citado, na qualidade de membro do Departamento de tratamento do delinquente e da prevenção dos delitos, das Nações Unidas. Escreve ele que “uma melhor organização econômica trará, sob certo aspecto, uma evidente diminuição da delinqüência”. E acrescenta que o sistema econômico moderno, de base capitalista, deve ser reformado, pois é evidente que as desigualdades atuais no referido aspecto causa grande número de delitos” (7).

Para concluir esta análise das causas da marginalidade, é oportuna a

afirmação dos criminólogos Ajush Amar e Heber Vargas:

“A organização de instituições ou de serviços não se justifica para o tratamento específico da periculosidade. Os recursos disponíveis seriam mais úteis se fossem destinados à redução das desigualdades sociais, geradoras dos estados perigosos, e à reforma das estruturas econômicas e políticas, eventualmente responsáveis pelos mesmos estados” (8).

## 2. O sistema penitenciário

Por outro lado, é importante conhecer a realidade de nossas prisões para compreender a situação vital e psicológica dos homens presos. Por melhores que fossem as prisões, o simples fato de se ver privado da liberdade é fator de sérias frustrações por parte do preso. Acontece que as prisões não são boas: A Comissão designada pelo Ministério da Justiça em 1972, com o objetivo de levantar a realidade carcerária do país, diz em seu relatório que a situação é “calamitosa”, e conseqüente, às mais das vezes, do “desleixo e do abandono” (9).

À privação da liberdade acrescenta-se uma série de privações que pesam sobre os presos: abstenção sexual (que tem sérias conseqüências psicológicas e no relacionamento entre os presos), pouco ou nenhum contato com pessoas de fora, obrigação de se relacionar com um mesmo grupo, horário, disciplina, regulamento rígido. O processo de recuperação se baseia no enquadramento em uma série de normas, em certo comportamento. Trata-se de

um processo mecânico e não educativo. Às normas não cumpridas corresponde uma série de punições. “A detenção é a punição. Os psiquiatras concordam com a afirmação, certos de que a privação torna de tal forma insuportável a existência do indivíduo que, desta forma, ele é punido exemplarmente. Contestam, no entanto, a eficácia futura desta punição, já que as conseqüências emocionais são tão desastrosas, que o indivíduo fica destruído para retomar a convivência social (...). Os detentos são submetidos a uma robotização que tenta transformá-los em figuras tão descoloridas e impessoais quanto à cor de seus uniformes” (10).

A oferta de preparo profissional e cultural deixa muito a desejar, e um preso com preocupações culturais tem muita dificuldade em se desenvolver. A quase total ausência de válvulas de escape para um ambiente que, de si, já é tenso, cria um estado de tensão permanente. Finalmente, o preso sente o que de fato está sendo: um homem inútil para a sociedade. Todo o suposto processo de preparação para a reintegração à sociedade é feito fora dela; o preso é um homem sem objetividade, nada do que pense ou faça influi no processo social. Esta inobjetividade de sua vida é, sem dúvida, a causa subjacente de sua frustração. A concepção que está por trás do sistema penitenciário é a de que o preso é um errado que é preciso corrigir, um anormal que é preciso “normalizar”, um desviado que é preciso colocar na linha, um rebelde que é preciso domar.

Quem leu “Papillon” ou viu o filme “O Sistema” (Truman Capote)

conhece bem o modo como se pretende atingir este fim. Anthony Burgess, em “A Laranja Mecânica”, mostra perfeitamente o paradoxo a que chega um tal processo. O sistema coercitivo — supressão da liberdade, controle, punição, disciplina — deverá obter um homem “recuperado”. De fato, o ex-marginal que deixa a prisão é alguém que enquadrou nas normas (pelo menos até deixar a prisão). Resta saber se na sua psique, se na sua consciência, algo se modificou. Pois o sistema não se preocupa com a sua consciência, mas com a sua transformação mecânica. Sem dúvida: o agora livre é um homem ou despersonalizado, marcado por sérios traumas, ou revoltado, cheio de ódio, recalcado por causa de um período maior ou menor de humilhação.

Michel Foucault enumera as conseqüências da prisão, segundo críticas bem antigas. (Resumindo sua análise): “As prisões não diminuem a taxa de criminalidade, o número de reincidências aumenta ao invés de diminuir; a detenção provoca a reincidência; a prisão não pode deixar de fabricar delinqüentes, e ela os fabrica pelo tipo de existência que os obriga a levar; a prisão torna possível e favorece a organização de um meio de delinqüentes; as condições dos detidos liberados os condenam fatalmente à reincidência; a prisão fabrica indiretamente delinqüentes, ao fazer cair na miséria a família do detido” (11).

Se é verdade, portanto, que vários presos apresentam problemas psicológicos, uma grande causa é a própria prisão.

### 3. Os presos

Os presos são, como já vimos, homens provindos de meios pobres, marginalizados dos bens sociais; e homens privados de sua liberdade física e submetidos a um regime de disciplina. Por isso mesmo, marcados por certa dureza, já que desde cedo se viram obrigados a lutar para sobreviver, a conviver com a violência e a adversidade. Marcados por uma revolta íntima contra as humilhações que sofreram, o cerceamento que sofrem, e pelo estado de impotência em que se encontram.

O relacionamento entre os presos é geralmente duro e mesmo violento (ainda quando não chega às vias de fato). Eles são marcados por um forte individualismo. O sistema penitenciário contribui para desenvolvê-lo. São, porém, homens muito sensíveis. Percebem qualquer tonalidade de desprezo, de inculpação, e também as manifestações de confiança, de amizade desinteressada, de compromisso para com eles, de amor. Por trás de uma aparente couraça, escondem uma carência afetiva enorme, um coração sensível capaz de ser tocado pela aproximação de um irmão.

Jogo, apostas, tóxico, homossexualismo, comércio ("transas"), corrupção, se entremeiam na vida da prisão (cf. "O Sistema"). É difícil a um preso escapar da participação de uma ou mais destas atividades. No entanto os presos convertidos, quando são reconhecidos como sinceros, são respeitados. Se o ambiente dificulta a sua conversão, em compensação exige do convertido a autenticidade. Os demais presos não

admitem dele o meio-termo, "ou é cristão ou não é".

Algumas carências são mais sentidas: a separação da família, a impossibilidade de ter relações sexuais com a mulher (ou o marido), a morosidade dos processos e recursos.

**A Consciência Moral.** Vivendo desde pequeno em meio à violência, pouco a pouco o preso se tornou indiferente a ela. Seus critérios morais não são os comuns. Bom é aquilo que é aprazível, agradável; mau, aquilo que insatisfaz, que desagrada. Os meios para atingir estes fins são todos válidos. Esta consciência moral não é, porém, irreversível. Algumas vezes, o preso deixa de agir segundo ela, não porque tenha mudado de consciência, mas porque percebe que é a única maneira de se reintegrar à vida social. Só é capaz de fato de tomar consciência de outros valores a partir do encontro com alguém que realmente o ama. Nesse caso, é capaz de despertar para uma mudança. Não quer dizer que ele já não possuía tais valores. A verdade é que eles foram bloqueados pelo meio ambiente, pelas condições de vida.

Não devemos dizer que os presos não têm consciência moral. Eles a têm, mas é diferente da comum. Eles têm, por exemplo, um código de ética dentro do qual é inadmissível o estupro de criança, a traição e a delação. Nenhum preso pode delatar a funcionário algum qualquer fato. Isso não significa que a delação não exista, mas que é considerada pecado grave. O homossexualismo grassa, mas o homossexual passivo é, em geral, considerado um fraco. A honra está acima de tudo. Diante dela,

a vida é um valor subordinado. Nenhuma ofensa pode ficar sem resposta, e para a sensibilidade do preso ofensa pode ser um simples palavra. A resposta pode ser uma briga ou mesmo uma facada.

É preciso captar os valores latentes nas atitudes dos presos. Por exemplo, a primazia que dão à honra, acima da própria vida; a solida-

riedade, que se manifesta em determinadas ocasiões (quando um companheiro vai para a cela-forte, por exemplo; às vezes, mesmo correndo risco, um preso procura ajudar o companheiro); a esperança de que dão prova. Esperam mesmo quando nada indica possíveis melhoras. É como uma força interior que os sustenta nos maiores desânimos: "Amanhã é outro dia".

### III — Condições exigidas do Capelão (12)

Assim como Jesus Cristo optou pelos pobres e oprimidos, o capelão é alguém que se comprometeu com os presos. Ele é contra o crime, mas inteiramente a favor da pessoa do preso, que ele deve defender até o fim, mesmo que isso lhe traga aborrecimentos. Não pode admitir nenhum tratamento desumano, nenhuma injustiça. Não pode aceitar nenhuma argumentação que justifique métodos repressivos, como: "Se não tivermos cela-forte, não conteremos os mais exaltados". Porque a cela-forte é apenas a consequência necessária de um sistema punitivo. Se é impossível a prisão viver sem a cela-forte, é sinal de que é hora de questionar a prisão e não de institucionalizar a cela-forte. A pessoa humana, para a consciência cristã, possui um valor inquestionável.

O capelão deverá aprofundar sempre os conhecimentos sobre as causas da marginalidade, os fundamentos do sistema penitenciário, as suas consequências sobre os presos, a criminalidade e as condições sociais, a psicologia do preso, para poder trabalhar mais eficazmente, com-

preendendo suas reações e sabendo onde é mais importante sua atuação.

**Confiança.** Só confiando no preso é possível que ele recubra a confiança em si mesmo e aja autenticamente. Os funcionários em geral tratam os presos segundo o protótipo de homens enganosos. O que não traz como consequência nenhuma atitude positiva. O capelão ganhará a confiança dos presos se for capaz de confiar neles (o que é diferente de ser ingênuo). Talvez seja a primeira vez que alguém acredita neles, que os trata como homens normais, responsáveis.

**Coragem.** O capelão deve dar testemunho de liberdade. Capacidade de agir independente de pressões externas. O compromisso fundamental do capelão é com os presos. Precisa de coragem para enfrentar as dificuldades que se apresentam sem desistir, sem desanimar.

**Pobreza.** O testemunho de pobreza chama muito a atenção dos presos. Não acreditam muito em capelães ricos. Eles identificam o di-

nheiro como uma preocupação pecaminosa (típica de marginais) e têm consciência de que Jesus Cristo era pobre. A pobreza é para eles um sinal de autenticidade da vida cristã do capelão.

**Amizade.** Aquilo de que o preso mais precisa é do testemunho de uma amizade sincera, desinteressada. Sentir que há alguém que o trata como gente, como adulto, como irmão. Esse ser-irmão é a maior pregação que um capelão pode fazer, pregação cotidiana. É a única capaz de marcar, de tocar, de transformar. A partir deste reconhecimento, o preso é capaz de fazer eclodir toda uma série de valores que ele traz embutida. Pouco a pouco ele pode inclusive vir a descobrir Jesus Cristo.

**Verdade.** Não querer "tapar o sol com a peneira". Os funcionários exigem dos presos uma fé total na sociedade tal qual ela está. Os presos, por seu lado, têm inúmeras críticas. O capelão não deve negar as críticas verdadeiras que eles fazem, sob pena de ser desacreditado. O processo de educação de uma pessoa não consiste em abafar a consciência crítica, mas em ajudá-la a amadurecer.

**Perseverança.** O preso é inconstante: fora o seu passado marginal, há o ambiente da cadeia, e o próprio peso da vida encarcerada. E, em alguns casos, o preso tem também desvios psíquicos. Por isso, muitas vezes um preso convertido volta atrás; ou desiste de um trabalho que estava sendo feito. O capelão não deve desanimar. A culpa não é do indivíduo, mas da estrutura na qual ele vive.

**Humildade.** O capelão não deve se colocar frente aos presos como alguém que lhes é superior, como um puro diante dos impuros, um limpo diante dos sujos. "Não tivéssemos sido privilegiados com o conjunto de circunstâncias familiares, pessoais e sociais, familiares ao nosso desenvolvimento normal afetivo e humano, talvez nós estaríamos sentados ao lado destes que nos escutam" (13). O capelão não deve simplesmente transmitir preceitos, correções, nem tampouco passar reprovações. Isto seria tratá-los como crianças. A melhor atitude é a de ser irmão, humilde, disposto a ajudar. O que não quer dizer que ele deixe de ter posições firmes (contra a delação, contra a sedução, por exemplo). Ele pode também, em determinadas ocasiões, convocar os presos a um esforço moral, mas deve fazê-lo valarizando-os. "Muitas vezes acham que vocês não respeitam os outros; vocês não são assim e precisam mostrar isto, etc." A exigência, quando parte de alguém que demonstra confiar neles, gera nos presos uma reação positiva. Eles se convencem de seus valores e procuram corresponder à exigência.

**Presença.** O lugar do capelão não é numa sala, à espera que os presos venham a ele. Deve ir às celas, aos pátios de recreio, às oficinas, conversar com os presos. O mais indicado é que ele participe de alguns recreios, onde é possível o relacionamento gratuito, amigável e informal com os presos. "Acolher, escutar com o máximo respeito e interesse. O homem preso, em geral tem uma necessidade profunda de ser escutado" (14).

No momento que os presos perceberem que o capelão não é um sujeito chato, que só vem lhes repetir para ficar "bonzinhos", mas que, ao contrário, sabe ouvi-los, e sabe também conversar sobre outras coisas além de religião, que se dispõe a ajudá-los, eles se aproximam mais. É necessário visitar sempre os que estão na cela-forte ou no castigo. É um importante testemunho de solidariedade.

**O conhecimento dos presos.** Não se orientar pelas fichas criminais. A ficha pode dar uma idéia do que o preso fez, mas nunca que o preso é. Não abarca de modo algum a riqueza da personalidade do preso. Assim como não leva em consideração o fato de que a pessoa se transforma. Os valores não estão presentes na ficha criminal. Por outro lado, ser prudente no contato com os presos. Há presos que se aproximam das atividades religiosas sendo, porém, mal vistos pelos demais por serem delatores. Isto pode desprestigiar o capelão. Daí a necessidade de muito tato. Nem sempre são os presos bonzinhos as melhores pessoas. Tam-

bém se deve tomar cuidado, nas diversas promoções, para que nenhum preso domine demais, utilizando a atividade como meio de auto-promoção e de diminuição dos demais. Esta tendência sempre pode existir. Levar também em conta a forte susceptibilidade dos presos. Quando menos se espera, alguns deles reagem como quem foi ofendido, a quem não se deu suficiente atenção. Em geral é apenas uma interpretação muito subjetiva de alguma atitude ou palavra do capelão.

**Respeitar as etapas.** O capelão nunca deve prometer fazer algo que não tem certeza se poderá cumprir. Isso gera muita descrença. Também não deve espalhar inúmeros propósitos, pois pode gerar ansiedade e posteriormente frustração, se não forem realizados. A cadeia é um ambiente onde os boatos voam e onde os sonhos adquirem feição de realidade. A imaginação do preso — por razões óbvias — é fertilíssima. Basta ler "Recordações da Casa dos Mortos", de Dostoiévski, para confirmar isto.

#### IV — O Trabalho Pastoral

O capelão deverá agir tanto individual como coletivamente, tanto pelo contato pessoal como pelo trabalho em grupo. Embora a população das prisões seja até certo ponto nômade (uns saem, outros entram, alguns são transferidos), muitos permanecem juntos durante muito tempo. O contato individual é o mais importante, porque só ele consegue aprofundar a vida do preso, atingir as decisões

vitais, transformar e até permitir uma eventual conversão. Em grupo o preso não se abre totalmente, devido ao clima de desconfiança que existe entre eles. Por outro lado, o grupo pode ajudar o indivíduo no seu esforço de mudança. É um apoio, um incentivo. Muitas vezes, é através do trabalho em grupo (círculos bíblicos, palestras, troca de

idéias) que o indivíduo se desperta para novos valores.

Não se pode considerar a população das prisões indistintamente. Há presos à espera de julgamento e outros já condenados. Há os presos primários — presos pela primeira vez — e os reincidentes. Há os condenados a um curto tempo de detenção e outros a um longo tempo. Há presos por crimes eventuais (passionais, por exemplo) e há os propriamente marginais — que vivem do roubo, da vida extra-legal. Uma boa parte dos presos é viciada em tóxicos. Chamamos a atenção para estas distinções porque, apesar de estarem juntos, o tipo de comportamento, a maneira de encarar a vida, varia conforme a caracterização. É nítida, por exemplo, a diferença entre um preso por crime passional (cometido num momento de irreflexão, de desespero) e um preso que vive normalmente do roubo. Entre estes últimos, é comum se considerar a prisão como uma fatalidade inevitável. A vida deles se reparte entre tempos de liberdade e tempos de prisão.

É preciso distinguir dois níveis possíveis de trabalho: um é o trabalho de evangelização visando os presos em geral; o outro é a formação e o acompanhamento dos presos que de fato se converteram a Jesus Cristo. Quanto a estes, é importante acompanhá-los individualmente e também reuni-los em grupo, com uma formação catequética continuada, círculos bíblicos, revisão da semana que passou (levando em conta o ambiente carcerário: os presos não costumam abrir-se em grupo), análise dos fatos à luz do Evangelho, debates sobre assuntos da vida (in-

clusive pode ser uma notícia ou artigo de jornal, de revista, da atualidade).

Devem-se utilizar todos os meios possíveis para permitir que o preso se redescubra como homem. Para isso são úteis aulas ou conferências de psicologia, relações humanas, antropologia, cultura geral, história, promoções artísticas, encontros musicais, debates em grupo, coral, teatro, cine-clube, etc. Também vale a pena fazer palestras de religião, cursos bíblicos (com frequência livre), não com a preocupação de dar matéria, mas com o intuito de fazê-los descobrir os valores humanos e evangélicos que têm. Os presos são praticamente um grupo não evangelizado, que é preciso primeiro despertar para a vida, para o evangelho na vida.

**Os talentos.** Os presos têm inúmeras potencialidades, para a poesia, a música, a literatura, o estudo, o artesanato, etc., das quais muitos não têm consciência ou não levam em consideração. Isto, devido ao processo de subestimação que sofrem, e que os leva a se considerarem sem valor. É impressionante a insegurança que sentem quanto ao valor de seus trabalhos. O capelão precisa valorizar os seus dons, as suas obras, e estimulá-los sempre, inclusive promovendo concursos de poemas, de crônicas, ou de trabalhos sobre um determinado tema. Não se deve deixar de valoriar nenhum dos que escreverem.

**O estudo.** Se levarmos em conta que um dos problemas sérios dos presos é a monotonia, a ociosidade, a falta de novas perspectivas, o estudo é provavelmente o grande meio

de "libertação" do preso. O estudo é uma atividade que pode preencher todo o seu tempo livre na cela. É uma atividade que ele mesmo pode controlar. Que lhe permite descobrir sempre coisas novas. Que lhe facilitará a procura de emprego ao sair, se ele conseguir completar o ginásio ou o colegial. Daí a importância de se lutar para conseguir o estabelecimento destes cursos na prisão (primário, ginásio, colegial, madureza). A cultura, os conhecimentos, a consciência crítica, a capacidade de reflexão são os elementos essenciais para que um preso possa se re-situar na vida, no mundo, e crescer. Mais do que o aprendizado de ofícios. É evidente que o ensino de ofícios, desde que sejam realmente úteis (dactilografia, eletrônica, mecânica, etc.), facilita a busca de emprego. O preso em geral sente dificuldade de estudar. Está há muitos anos sem estudar, falta de hábito, preguiça mental, pressão do ambiente. É necessário estimulá-lo.

**Psicologia, teatro, cine-clube, leituras.** Palestras de psicologia são muito úteis porque permitem que o preso se conheça melhor, compreenda suas reações, e os problemas de relacionamento que tem. Os presos gostam muito de psicologia. O teatro pode ser um grande meio de desinibição, de descoberta de si próprio. Os "laboratórios" teatrais podem funcionar como uma verdadeira terapia, e ajudar os presos a se relacionarem melhor, a descobrir novos talentos. Toda atividade que permita a reflexão e a crítica é útil. Assim, se for possível promover debates sobre filmes, serão de grande valor (filmes

que tratem da vida, dos problemas humanos). Os presos em geral lêem muito, sobretudo romances. Pode-se sugerir a leitura de romances que tenham conteúdo profundo, ou livros de formação humana e cristã, como por exemplo, os de Michel Quoist, os de Carlos Mesters, etc. Os presos gostam muito de livrinhos de espiritualidade, de reflexão sobre a vida. A dificuldade é que eles normalmente fazem uma leitura superficial e não conseguem apreender o fundamental. Pode-se ajudá-los a aprofundar mais, debatendo sobre os livros, perguntando a respeito da leitura e orientando sobre como fazer uma boa leitura.

**Círculos bíblicos, liturgia, e religiosidade popular.** Para debate em grupo, e para descobrir a mensagem evangélica, os círculos bíblicos (de Frei Carlos Mesters, por exemplo) são muito bons. Os presos gostam deles inclusive para meditação pessoal. A liturgia também deve ser colocada a serviço da promoção do preso. Se os presos são um grupo ainda por evangelizar, não há condição para uma vivência plena dos sacramentos. A missa é mais uma ocasião para o anúncio da boa nova. É preciso que o preso se sinta nela como agente, como sujeito: que ele faça as leituras, que faça orações espontâneas, coloque intenções, que seja levado a refletir em comum na meditação do Evangelho (homilia). Quanto aos cânticos, valorizar os presos: violão, música, letras compostas por eles. Junto com eles procurar criar uma liturgia própria. Não apenas usar traduções mais populares, como também procurar elabo-

rar: textos próprios; de acordo com a linguagem simples e a problemática deles. Em relação aos círculos bíblicos, também pode-se elaborar textos próprios, tomando-se fatos da prisão como ponto de partida (embora não seja bom ficar só em fatos internos). Se os círculos puderem ser mimeografados para os presos, é melhor.

Devemos partir da religiosidade que têm e não da que nós temos, e permitir que vão crescendo. Sendo os presos de origem pobre, têm uma religiosidade basicamente popular. É preciso fazê-los descobrir que são capazes de entender o Evangelho, de vivê-lo, de transmiti-lo, que pela sua própria situação estão mais próximos de Cristo. Não negar a capacidade de interpretação que eles têm. Não fizeram curso de Bíblia mas têm experiência da vida. Se não perceberam ainda determinados aspectos, nosso papel será ajudá-los a fazer esta caminhada. Nossa preocupação deve ser que os próprios presos sejam os evangelizadores de seus irmãos: que todo aquele que descubra Jesus Cristo se sinta ao mesmo tempo apóstolo. O trabalho pastoral deve propiciar o desabrochar de cristãos que por sua vez irradiem o Evangelho, sem ficar sempre pendentes do capelão.

**Oração e Bíblia.** Como dissemos, há presos convertidos a Jesus Cristo, que precisam, portanto, de um acompanhamento especial. É importante que o preso tenha meios para se desenvolver. A oração e a Bíblia são elementos fundamentais. Porque ambas o preso pode utilizar sozinho. Normalmente os presos rezam e gostam de ler de vez em quan-

do a Bíblia. O contato pessoal com Deus deve ser apresentado como dado fundamental da vida cristã. A oração pessoal será um meio de grande valor para o seu crescimento em Deus. Será necessário orientá-lo para rezar melhor. O contato com a Palavra de Deus é um outro meio importante para que ele possa cada vez mais descobrir os desígnios de Deus e alimentar a sua vida. Será necessário orientá-lo e incentivá-lo nesta leitura.

**Carência material.** Aí está provavelmente o problema maior a ser enfrentado. Pois é fato reconhecido que a situação material das prisões é ruim e, às vezes, dramática: falta roupa de cama, de vestir, a alimentação é deficiente; faltam lápis, cadernos, livros; falta assistência médica e dentária adequada; não há meios de comunicação com a família, a família passando necessidade; não há meios de entrar em contato com o advogado, o recurso está parado. Se nós vivemos na sociedade do consumo, o preso vive na sociedade da carência. Às vezes, o capelão é o único intercessor dos presos. Será preciso exigir sempre condições mais humanas (salário dos presos, banho de sol, esporte, assistência médica, etc.).

Como esta tarefa pode absorver inteiramente o trabalho do capelão, é importante que ele procure formar um grupo de pessoas que o ajudem. Mesmo que, por alguma razão, tais pessoas nem sempre possam ir à prisão, elas poderiam se encarregar de conseguir as coisas, ir ao advogado, visitar as famílias necessitadas, etc. (A assistência às famílias é um aspecto importante da ajuda aos pre-

tos). Assim, o capelão poderá se dedicar a outras atividades: o contato pessoal, os grupos, as palestras. Uma sugestão é ligar o trabalho no presídio a algum grupo já formado (curso, grupo de jovens, etc.). Deve-se evitar porém, de substituir aquilo que o presídio tem a obrigação legal de fazer. Toda prisão recebe verba suficiente para sustentar os presos e assisti-los. Em algumas cadeias, é permitido uma forma útil de ocupar o tempo. Seria bom conseguir que todas as prisões oferecessem esta possibilidade. A dificuldade que os presos têm é de vender os objetos que fazem.

**Distrações.** A vida dura da prisão não oferece quase nenhuma válvula de escape. O capelão pode propiciar alguns "oásis" promovendo

shows musicais, encontros de violão, cantorias, etc.

**Textos.** Para fermentar a reflexão dos presos e a discussão entre eles, pode-se utilizar um texto mimeografado para todos os detentos no qual seria desenvolvido algum tema. Uma seqüência de temas ligados entre si (temas de atualidade, sobre a vida, etc.) seria um ótimo instrumento de pastoral.

**O homem liberado.** Sabemos que a maior dificuldade do egresso é encontrar emprego, devido ao estigma que ele carrega de ex-presidiário. "É insuficiente o trabalho de capelão junto ao detido se, ao sair este não encontra a possibilidade de prosseguir seus esforços de uma vida honesta. Sua saída deve ser preparada. Seu reingresso à liberdade deve ser acompanhado" (15).

## V — Quanto ao Conteúdo da Pregação

Não valorizar a prisão, por melhores que sejam as suas condições materiais. O principal fator de sofrimento do preso é a falta de liberdade; assim, mesmo que a prisão fosse um jardim, o fato de ser um jardim fechado seria motivo suficiente para torná-lo infeliz.

Não insistir na resignação, na paciência: o preso está cansado de ouvir isto. Preguar a atitude ativa, o enfrentamento das dificuldades, a superação das "fossas", a busca de uma atividade útil (estudo, artesanato, leitura), de um sentido para a vida (preocupação com os outros, solidariedade, ajuda). É claro que será necessário em alguns momentos aju-

dar o preso a ser paciente, a não desesperar, porque há momentos em que ele tende ao desespero.

Mostrar a identificação do preso com Cristo, preso, sofredor. Mostrar que Cristo era pobre e se voltava especialmente para os pobres, os injustiçados, os desprezados ("os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino dos Céus" — Mt 21,31). Isto é importante para o preso sentir valorizado e amado por Deus. Porém, não falar isto como se Cristo quisesse esta situação de prisão para ele. O que Cristo deseja é a sua liberdade. "Enviou-me para proclamar a libertação aos cativos... para pôr em liberdade os

oprimidos (Lc 4,18). Os presos são pouco sensíveis a um Cristo meloso, dócil, mas admiram a firmeza de Cristo frente aos fariseus, às injustiças, à lei injusta.

Fazer uma apresentação do Cristo preocupado com os problemas dos homens, pelos quais foi levado à morte, sem porém recuar, por amor. E daí ressuscitou, pois a morte por amor gera vida. Também se pode fazer uma boa apresentação ao Êxodo dos profetas como homens críticos como caminho para a libertação ou que exigiam a solidariedade, a justiça, que não admitiam o "farisaísmo" (Isaias, Amós, etc.). A Bíblia é um manancial de temas úteis para os presos, inclusive para os que não são cristãos. Aceitar debater temas que eles peçam, ou sobre os quais tenham dúvidas. O capelão pode mesmo pedir sugestões de atividades, de temas, de problemas a tratar, aos próprios presos. Isto os valoriza e pode talvez sair daí um verdadeiro programa de trabalho.

A insistência maior deverá ser no amor aos outros, na solidariedade, na sensibilidade ao problema do próximo, e na busca de sua solução, na amizade sincera e desinteressada. Quando o preso descobre o sentido de ajudar a resolver os problemas dos outros, quando percebe o valor de procurar sanar a miséria, o sofrimento, as dificuldades alheias, quando se descobre capaz de ser útil e de fazer algo para melhorar a sorte de seus irmãos, os homens, é que se dá uma transformação qualitativa na sua vida. A partir de então é possível transformar sua inconformidade individualista em uma atitude ativa. O mesmo ocorre no

plano religioso. Quando ele percebe que pode ajudar outros a descobrir o amor, o sentido da vida, Jesus Cristo, quando descobre que pode ser útil, que pode contribuir, que pode construir, tudo muda para ele.

Não é necessário insistir no valor do trabalho, nem tampouco na honestidade, pois o preso está saturado de ouvir estas preleções. Ao contrário do que alguns dizem, não é necessário que o preso se sinta subjetivamente culpado de seu crime para que venha a mudar de vida. Assim como a prostituta, o marginal é mais vítima de uma série de condições sociais do que autor livre e consciente de seus atos. O que pode levar um marginal a mudar de vida é a tomada de consciência de que, como homem, ele não deve se deixar determinar pela sua situação social, pelas condições de vida. Ser homem é tomar a vida nas suas mãos e dar-lhe o seu rumo.

A outra motivação que pesa na mudança é a constatação de que a vida de marginal tem sempre um fim: prisão ou morte. Dito por um ex-marginal: "A experiência deveria me ensinar que a profissão de ladrão abre o caminho para uma única alternativa: ou a gente pára por conta própria, ou a gente é preso. É a consequência imutável de uma lei estatística rigorosa. Um rápido cálculo de probabilidades é suficiente para demonstrar que os riscos de se fazer prender são proporcionais ao número de delitos cometidos" (16). Não é o sentimento de culpabilidade o móvel da mudança: é a perspectiva de uma vida a ser construída, de um futuro a ser vivido.

Não falar em liberdade interior

para homens presos. Soa como ironia. É preciso fazê-los descobrir a possibilidade de ser interiormente livres **na prática** e não através de palavras. Mas é bom tratar desta realidade com o grupo dos já convertidos, porque estão abertos a esta descoberta.

“Despertar a fé antes de pensar nos sacramentos” (17). Se os presos precisam de evangelização, ainda não é a hora dos sacramentos. Talvez a missa (e algumas outras cerimônias litúrgicas) sejam válidas como oportunidade de evangelização, de formação, de promoção dos presos.

Não fazer discursos sobre o sofrimento. Se é verdade que o preso sofre, esta não é a única realidade que ele vive. Além do mais, ele se considera suficientemente forte para enfrentá-lo. O preso não gosta de ser tratado com compaixão, mas como um homem.

Para a pregação, inclusive nas missas, tratar cada vez de um dos vários aspectos de sua vida. Falar do evangelho na vida e não nas alturas celestes. É na sua vida que eles devem descobrir Jesus Cristo. Se o

sermão for participado, é melhor. Levar em conta também que muitos dos que vão à missa ou nos cultos nem são cristãos: vão por curiosidade ou como ouvintes.

De todas estas reflexões se conclui que o ideal é que o capelão trabalhe com uma equipe: leigos e religiosas que o auxiliem, advogados, psicólogos, professores, juízes, etc. Gente que esteja sintonizada com uma correta visão de ajuda aos presos, e que esteja disposta a amá-los. Esta equipe é importante em função de uma série de problemas que vão surgindo e que nem sempre o capelão terá condições de resolver, como por exemplo, problemas jurídicos.

Uma série de sugestões feitas aqui talvez sejam mais aplicáveis em penitenciárias do que em cadeias públicas. A realidade é que deverá ditar a maneira de agir. Além disso, é evidente que pouco a pouco o capelão irá se familiarizando com os presos, com o ambiente carcerário, e também de acordo com o seu carisma pessoal irá descobrindo novas formas de agir além das que são aqui sugeridas.

## NOTAS

1. Para elaborar este trabalho, baseamo-nos especialmente em: **A Evangelização do Homem Encarcerado**, anteprojeto elaborado pela Comissão Arquidiocesana de Pastoral do Sistema Penal, Arquidiocese do Rio de Janeiro, texto mimeografado; RUFFIER, PAULO, Pe., **Pastoral Carcerária, colocação do problema em vistas a um trabalho em colaboração**, texto mimeografado; **Pastoral Carcerária**, estudos da CNBB, n.º

4. Edições Paulinas, 1974. O trabalho do Padre Paulo Ruffier, SJ, está contido no texto deste livro. Para um estudo do sistema penitenciário e das causas da marginalidade criminal, ver: FOUCAULT, MICHEL, **Surveiller et Punir, Naissance de la Prison**, Gallimard, 1975. Uma análise crítica detalhada sobre as prisões nos séculos XVII e XIX, quando se lançaram as bases do atual sistema penitenciário. LIVROZET, SERGE, **De la**

**Prison à la révolte**, Ed. Mercure de France, 1973. O autor é um ex-preso que faz uma excelente análise sociológica das causas da criminalidade a partir da sua experiência pessoal. Foram também utilizadas entrevistas de criminólogos, publicadas em jornais, entre outros: Israel Drapkin, *Jornal do Brasil*, 3 e 16/7/1972; Aíush Amar e Heber Vargas, *Jornal do Brasil*, 20/2/1975; o artigo "A Neurose dos Detentos Aprisionada na Doença", *Jornal do Brasil*, 3/10/1974. Recomendamos igualmente o livro **A Laranja Mecânica**, de Anthony Burgess, que desvela a concepção básica do sistema penitenciário; o filme **O Sistema**, de Truman Capote; e livros de ex-presos, tais como: **Papillon**; **Ela e a Reclusão**, de Maria Teresa de Jesus; **Quelques Messages Personnels**, de Pierre Clémenti. Foram também consultados livros sobre campos de concentração: **L'Ère des Camps**, de Olga Wormser-Migot; **Ravensbruck**, de Germaine Tilliom; **Um psicólogo no campo de concentração**, de Victor Frankl.

2. Medellín, Justiça, II.

3. BOFF, Leonardo, **Vida Religiosa no processo de libertação**, Grande Sinal, n.º 9. novembro/74, página 687.

4. Sugerimos a leitura da bibliografia da nota 1.

5. LIVROZET, Serge, o. c., páginas 79-80.

6. FOUCAULT, Michel, o. c., página 312.

7. Pastoral Carcerária, página 62.

8. *Jornal do Brasil*, 20/2/1975.

9. Pastoral Carcerária, página 15.

10. *Jornal do Brasil*, 3/10/1974.

11. O. c., páginas 301-305.

12. Quando usamos a palavra capelão referimo-nos a qualquer agente pastoral: padre, religiosa ou leigo, que trabalhe junto aos presos.

13. RUFFIER, Paulo, Pe., o. c., página 16.

14. Idem, ibidem, página 13.

15. Idem, ibidem, página 9.

16. LIVROZET, Serge, o. c., página 84.

17. RUFFIER; Paulo, Pe., o. c., página 13.

# AS FILHAS DA CARIDADE E O MOVIMENTO BRASILEIRO DE REFORMA CATÓLICA NO SÉCULO XIX

R. AZZI

## Introdução

Durante o período colonial, foram fundados alguns conventos de religiosas, cuja vida de clausura destinava-se primordialmente à oração e à contemplação. Foi bastante limitada a contribuição desses institutos religiosos à sociedade brasileira em formação.

No século passado alguns bispos decidiram encetar um movimento de reforma católica no Brasil (1), utilizando para essa finalidade a colaboração de alguns institutos religiosos, que se tornaram as forças atuantes do movimento e intérpretes fiéis da nova orientação do episcopado. Entre eles, merece um relevo todo particular a Congregação da Missão.

Sem dúvida, foram os Padres da Missão ou Lazaristas os mais representativos colaboradores do episcopado brasileiro nessa época. O êxito do movimento reformador dependeu em grande parte da atuação efetiva desses religiosos (2).

Ao lado deles, não podem ser esquecidos por suas atividades os Padres Capuchinhos, embora com algumas características próprias, dada sua dependência bastante acentuada do poder imperial (3).

No ramo feminino, duas congregações femininas devem ser lembradas de modo particular: as Filhas da Caridade e as irmãs da Congregação de São José de Chambéry. Sua importância cresce se considerarmos que, pela primeira vez na história

religiosa do Brasil, as religiosas passam a ter um significado digno de destaque, especialmente por sua atuação na área caritativa e educacional.

Fundadas em 1617, na França, por S. Vicente de Paulo, coadjuvado por Luisa Marillac, as Filhas da Caridade foram as primeiras religiosas de vida ativa a se estabelecerem no Brasil.

## I — Rápida expansão do instituto das Filhas de Caridade

Ao lado dos Padres da Missão, as Filhas da Caridade constituem-se em valiosas colaboradoras de diversos bispos reformadores do século passado, como D. Viçoso, em Mariana, D. Romualdo Seixas, na Bahia, D. Luís Antônio dos Santos, no Ceará e D. Cardoso Aires, em Pernambuco. Todavia, sua expansão é tão rápida que se fixam em algumas Províncias onde ainda não fora implantado o movimento reformador, o que evidencia o grande interesse suscitado pela atividade dessas religiosas.

Já no primeiro decênio após sua vinda ao Brasil estavam instaladas em Minas, Rio de Janeiro e Bahia, com a abertura de diversas obras caritativas.

### Interesse pela vinda das Filhas de Caridade

Ao que tudo indica, a primeira idéia de trazer as Filhas da Caridade ao Brasil veio do Visconde de Pedra Branca. Em carta de 2 de agosto de 1853, uma das religiosas recentemente chegadas à Bahia, escreve:

Dois aspectos paradoxais marcam a presença das Filhas da Caridade no século passado: por um lado, a rápida expansão da obra, em diversas Províncias do Brasil, antecedendo mesmo em algumas dioceses o próprio movimento dos bispos reformadores; e por outra parte, uma forte oposição à presença dessas religiosas estrangeiras no solo brasileiro.

“Apresentaram-nos ao Visconde de Pedra Branca, velho venerando, que não podendo caminhar, foi transportado para ver as irmãs à sua chegada. Deus lhe devia certamente esta consolação, meu bom pai. Este homem respeitável era, há vinte e quatro anos atrás, ministro do imperador do Brasil. Nesta qualidade foi introduzido junto à rainha que, recém-casada, quis nessa ocasião mostrar-lhe sua liberalidade: “Pedi-me o que vos agrada”, diz ela. Sua resposta foi pronta: “Vinte irmãs de caridade para a Bahia”. A imperatriz prometeu e de fato ocupou-se do assunto, mas Deus permitiu que as tentativas de então falhassem” (4).

Este fato ocorrido entre o visconde e a imperatriz Teresa Maria Cristina é confirmado por D. Romualdo Seixas, arcebispo da Bahia, que, em pastoral de 5 de junho de 1849, após falar da solicitação de diversas nações pela presença das irmãs da caridade, escreve:

“O Brasil não desconheceu a grandeza deste benefício, e, ao contrário, os seus votos foram preveni-

dos pela sabedoria do seu primeiro representante no mesmo país, onde teve seu berço essa admirável instituição, juntando mais este título de glória às coroas cívicas que ornaram a frente do benemérito diplomata". Trata-se, acrescenta D. Romualdo em nota, do "Exmo. Visconde de Pedra Branca, que durante a sua missão em Paris, onde prestou relevantes serviços ao Império, não descuidou de solicitar com empenho a vinda de algumas irmãs da caridade para o Brasil. Vide o *Correio Mercantil*" (5).

Pelo relatório da Santa Casa de Misericórdia, de 1858, observa-se que o interesse pela vinda das religiosas para a Bahia era bem antigo. Preocupado com o melhoramento do hospital, já em 1834 o Marquês de Abrantes, provedor da Mesa da Santa Casa, teve também a idéia de chamá-las, não chegando porém a concretizar seus planos.

Em 1847 novamente a Mesa da Misericórdia determinou escrever ao superior geral da Congregação da Missão para pedir-lhe quatro irmãs e um padre lazarista, mas a revolução de 1848 na França de novo interrompeu as tratativas (6).

### **As Filhas de Caridade em Minas Gerais**

Coube ao bispo de Mariana D. Antônio Ferreira Viçoso a primazia de trazer para o Brasil os Padres da Missão e as Filhas da Caridade.

Imbuído da idéia de empreender uma verdadeira reforma católica no Brasil, D. Viçoso pensou desde o início em contar com a colaboração de novos institutos religiosos. Seu

primeiro projeto foi de trazer para a diocese os Padres Redentoristas, para que assumissem a direção do seminário (7). Não tendo conseguido realizar seus desejos, decidiu então trazer os Padres da Missão, para que se dedicassem à formação do clero e à educação dos jovens, e as Filhas da Caridade para que se ocupassem da juventude feminina.

O primeiro grupo de lazaristas franceses aportou no Rio de Janeiro a 9 de fevereiro de 1849, constando de cinco padres e três irmãos leigos. Vinham juntamente com eles doze irmãs de caridade, as primeiras que chegavam ao Brasil. A 3 de abril do mesmo ano, estabeleciam-se na cidade de Mariana, seu primeiro campo de atividades (8).

É importante relevar que o Governo Imperial, que sempre manteve sérias restrições com relação à vinda de religiosos estrangeiros não só aprova a vinda das Filhas da Caridade, como se interessa particularmente por sua instalação no Brasil. A razão principal dessa atitude fundamentava-se no próprio caráter apostólico das novas freiras, ao passo que, de ordinário, se consideravam então as religiosas conventuais como pessoas ociosas ou inúteis ao progresso da nação.

### **As Filhas de Caridade no Rio de Janeiro**

O estabelecimento das Filhas da Caridade no Rio de Janeiro se realizou com plena anuência do imperador D. Pedro II, fato este digno de ser assinalado.

“Sabendo S. Majestade, o Imperador, como eram estabelecidas em Mariana estas senhoras, escreve o biógrafo de D. Viçoso, Pe. Silvério Gomes Pimenta, e tendo notícia da muita exatidão com que faziam os ofícios do seu instituto, concebeu grandes desejos de mandar vir, para cuidarem dos hospitais da corte, e encarregarem-se de algumas fundações que a piedade do monarca brasileiro traçava levantar. Quis, porém, ouvir primeiro o bispo de Mariana declarando-lhe seu intento e as condições sob as quais seriam as irmãs contratadas. Mandou escrever-lhe então pelo Ministro da Justiça, Eusébio de Queiroz, pedindo se podia encarregar-se de mandar vir as irmãs, e juntamente enviou-lhe cópia das condições do ajuste, em 24 de dezembro de 1851” (9).

E, de fato, já no ano seguinte as Filhas da Caridade se estabeleceram na Santa Casa de Misericórdia do Rio:

“A passagem pelo Rio em fevereiro de 1849, escreve Sarneel, de cinco missionários e doze irmãs da caridade vindas de Paris a pedido de D. Viçoso, bispo de Mariana, foi a ocasião do estabelecimento da dupla família de S. Vicente na capital do Brasil. Durante as seis semanas de sua demora no Rio de Janeiro, à espera de condução para Mariana, os recém-chegados foram alvos da mais viva simpatia de toda a população, e a administração da Santa Casa pediu logo ao superior geral, Pe. Étienne, que mandasse também, como mandara para Minas, irmãs da caridade para os seus doentes. A petição teve plena aprovação do imperador Pedro II. O Pe. Étienne

atendeu prontamente ao instante pedido e, no dia 26 de setembro de 1852, aportaram ao Rio 33 irmãs, 4 padres e 2 irmãos coadjutores, tendo por chefe o Pe. João Monteil, o primeiro superior da Santa Casa” (10).

## As Filhas de Caridade na Bahia

Ao lado de D. Viçoso, outra destacada figura do movimento reformador foi o arcebispo da Bahia, D. Romualdo Seixas. Movido pelo exemplo do bispo de Mariana, também D. Romualdo pensa logo em trazer as Filhas da Caridade para sua diocese, como colaboradoras na obra de regeneração espiritual.

Em sua pastoral de 5 de junho de 1849 escreve o arcebispo:

“O pensamento salutar que desde muito tempo revolvemos em nosso ânimo e que mais de uma vez temos manifestado de transplantar à nossa diocese a sublime instituição das denominadas irmãs da caridade, oferece já tão lisongeiros esperanças de realidade, que não podemos deixar de reconhecer e admirar os ocultos desígnios da Providência.”

E acrescenta a seguir:

“O exemplo que acaba de dar um dos mais respeitáveis prelados da Igreja Brasileira, dotando sua diocese com a aquisição dessas heroínas da caridade é sobremodo animador, e digno de um filho e herdeiro do zelo apostólico e dobrado espírito do imortal Vicente de Paulo”. Esse respeitável prelado, declara ele em nota, é o “Exmo. e Revmo. Sr. D. Antônio Ferreira Viçoso, um dos

mais conspícuos sacerdotes da Congregação da Missão e hoje bispo de Mariana”.

Conclui a pastoral anunciando a fundação da Sociedade de S. Vicente de Paulo:

“Ultimamente, como para dar o necessário impulso e regular o andamento a esta interessante obra... temos resolvido instituir uma sociedade debaixo do nome e auspícios de S. Vicente de Paulo, com o intuito de obter os meios de mandar vir alguma das mencionadas irmãs da caridade, formar e manter o seu estabelecimento nesta capital” (11).

A participação de D. Romualdo na organização e vida da confraria é intensa, visando a concretização do seu plano (12).

“Em 1853 o Sr. D. Romualdo recebia da parte da superiora geral, Irmã Montcelles, uma carta prefixando a partida das irmãs do porto francês, Le Havre, no vapor Mineiro, em 30 de junho. Esse brigue, a cujo bordo vinham as irmãs em número de 11, chegou à Bahia em data de 7 de agosto, sendo elas recebidas no extinto Arsenal da Marinha pelo Barão de Friaes, Viscondessa de Barral e o intendente da capital, dirigindo-se todos para a Igreja de N. S. da Conceição da Praia, onde o vigário Francisco Pereira de Souza entoou solene Te-Deum. Esperavam-nas na propriedade sita no bairro de Nazareth, e comprada para elas ao negociante Antônio Luís Ferreira, o Sr. Arcebispo D. Romualdo e o Visconde de Pedra Branca” (13).

O apoio do arcebispo foi sempre total à nova congregação. Da Bahia,

assim escrevia uma religiosa, em data de 15 de outubro de 1854:

“O Sr. Arcebispo, homem muito afamado tanto por seu talento como por suas virtudes, é de uma bondade extrema para com os filhos de S. Vicente. Infelizmente, está velho e doente, o que o priva de fazer todo bem que desejava” (14).

Instaladas em Salvador em 1853, as Filhas da Caridade passaram progressivamente a fundar diversas obras na capital baiana:

— Colégio N. S. dos Anjos: fundado pela confraria de S. Vicente de Paulo, e aberto em 1853. “Mas esta casa, apesar de ser o berço de todas as outras, foi suprimida no ano de 1862, por ter-se dissolvido a ilustre confraria de S. Vicente.”

— Casa da Providência: fundada pela obra das Damas da Caridade. Foi estabelecida no ano de 1854 “com o fim de estender as visitas a domicílio à assistência dos pobres na mesma casa, à educação das meninas pobres, à formação das pobres órfãs, e mais tarde, para auxílio de todas estas obras de caridade, admitiram-se também pensionistas”.

A fundação dessa obra foi incentivada pela Viscondessa Du Barral, filha do Visconde de Pedra Branca, como atesta uma das religiosas em carta enviada à França:

“É provável que se poderá proximamente pensar em organizar a obra das Damas da Caridade. Esta obra tem neste momento por zeladora uma viscondessa verdadeiramente fervorosa... tudo faz crer que as Damas da Caridade terão por

primeira obra a fundação de um orfanato" (15).

— Colégio das Órfãs do S. Coração de Jesus: fundado pelo Pe. Francisco Gomes no ano de 1827, e entregue à direção das irmãs mediante contrato do mês de abril de 1857 pela Mesa que assumiu o governo da instituição após a morte do fundador.

— Asilo da Misericórdia: fundado duas vezes. A primeira no mês de dezembro de 1857, e só durou dois meses pelos tristes acontecimentos ocorridos na Bahia e que deram motivo ao rompimento do contrato. Em 1862, fundou-se de novo o Asilo no Campo da Pólvora. Em ambas as vezes atuou a Mesa da Santa Casa da Misericórdia.

— Casa de N. Senhora da Salette: teve sua origem na caixa dos pobres, fundada pelo Cônego Fonseca Lima, vigário de S. Pedro, e estabeleceu-se provisoriamente no ano de 1858.

— Hospital da Misericórdia: é a sexta casa sob a direção das irmãs da caridade. As irmãs assumiram sua direção mediante convênio de 24 de abril de 1864, com a Mesa da Santa Casa de Misericórdia (16).

### **As Filhas da caridade em Pernambuco**

Em 1857, quatro anos após se terem instalado na Bahia, as Filhas da Caridade iniciavam também em Pernambuco suas atividades assistenciais.

Falando da obra dos Padres da Missão em Pernambuco, escreve o Pe. Sarneel em suas crônicas:

“Esta obra foi fundada em abril de 1857 quando era visitador o Padre Maller, que lá estivera antes e lá se demorou seis semanas. Foi por ocasião da instalação no dia da Páscoa, de 15 irmãs da caridade, no Hospital da Caridade, chamado depois Pedro II, que se fez a fundação lazarista.

Pernambuco é a nossa quinta casa que se abre sob a “cornette” das irmãs da caridade. Para lhes servirem de capelães foram destacados da missão da Bahia dois missionários, formando-se a primeira comunidade dos nossos padres em Pernambuco, que até hoje continua sendo uma grande e fervorosa capelania para os diversos estabelecimentos conferidos às irmãs de caridade, o hospital, o orfanato de Estância, a casa dos expostos na Jaqueira, etc.” (17).

Num manuscrito de 1906, conservado no Arquivo Provincial dos Padres da Missão do Rio de Janeiro, encontram-se informações mais detalhadas sobre o início e expansão da obra das Filhas da Caridade em Pernambuco:

“Pernambuco possui um hospital muito importante com o nome de Hospital Pedro II, do qual o pessoal se eleva ao número de 1.000 entre doentes e uma centena de órfãos.”

Foi em vista de melhorar o serviço desse hospital que se pensou em chamar as Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo. O presidente da Província de Pernambuco, José Marques Lisboa, de acordo com a administração do hospital, por intermédio do Ministro do Brasil, fez o pedido ao Pe. Étienne, superior geral da Congregação da Missão e das Fi-

las da Caridade. E, a 2 de fevereiro de 1857, um convênio foi assinado em Paris para seis irmãs no momento, podendo este número ser aumentado, como de fato aumentou até trinta, que é o número de hoje. Nesse convênio se fazia menção de dois missionários lazaristas, reconhecidos pela administração que deveriam acompanhar as irmãs na qualidade de seus diretores e como seus únicos capelães do estabelecimento.

A 24 de junho de 1858 um segundo acordo foi assinado entre o Exmo. Ministro do Brasil em Paris e os superiores das Filhas da Caridade. Desta vez as irmãs eram chamadas à direção da Casa dos Expostos. Iniciaram em número de cinco, hoje são doze.

Graças à boa impressão que as primeiras irmãs produziram sobre o povo de Pernambuco, a Irmã Lé-zart, primeira superiora do hospital, era freqüentemente solicitada pelas melhores famílias para abrir um colégio para suas filhas. A irmã respondia sempre: primeiro os pobres; se nos confiam os meninos expostos, veremos depois.

Chegou enfim o momento, e uma vez estabelecida a casa dos meninos expostos, o colégio se abriu primeiro numa casa alugada, e com uma administração de seculares. As irmãs não permaneceram muito tempo, e logo compraram a bela propriedade que ocupam atualmente no bairro de Estância.

A 21 de maio de 1858, um outro contrato foi assinado em virtude do qual as irmãs assumiram a direção de uma nova casa destinada aos órfãos de pai. Este estabelecimento co-

meçou a funcionar numa casa no centro da cidade junto de um colégio de meninos, o que era um grande inconveniente. Por isso as duas primeiras superiores fizeram o possível para trocá-la com a casa atual, antigo convento das Carmelitas, situado na cidade vizinha de Olinda: a casa está florescente, e numerosa, contendo duzentas órfãs; é conhecida sob o nome de S. Tereza ou de N. S. da Esperança" (18).

## **As Filhas da Caridade, no Ceará**

Durante o período imperial as Filhas da Caridade se estabeleceram ainda no Ceará, a partir de 1865. A diocese de Fortaleza era de criação recente, e lá estava como primeiro bispo um discípulo de D. Viçoso, D. Luís Antônio dos Santos. É uma das grandes figuras de bispo reformador do século passado. Graças aos seus pedidos e insistências, as religiosas da caridade se estabeleceram naquela província.

A carta do Pe. Chevalier ao superior geral da Congregação da Missão, datada de 12 de abril de 1865, evidenciada bem a expectativa do prelado:

"O Sr. Bispo esperava que as irmãs viessem logo depois da carta que recebeu do Rio. Qual não foi sua decepção quando a irmã visitadora lhe escreveu dizendo que não podia mandá-las antes da volta das irmãs superiores. S. Excia. resignou-se, mas com pesar; ele anunciou sua partida para a visita pastoral até o fim de maio; ultimamente, porém, me disse que esperará até junho, caso as irmãs venham nesse mês."

“Eu ousou pedir-vos, Revmo. Sr. e honradíssimo Pai, que mandeis as irmãs pelo vapor de 25 de maio, a fim de que elas cheguem no Ceará no dia 20 de junho, deste modo o Sr. Bispo poderá assistir à instalação delas. Como S. Excia. já adiou o ano passado a visita pastoral por nossa causa, e por causa delas, creio que se não deve obrigá-lo a igual incômodo neste ano. Quanto ao mais, que tudo se faça segundo o beneplácido de Deus” (19).

A primeira obra fundada pelas irmãs em Fortaleza, onde chegaram a 24 de julho de 1865, foi o Colégio da Imaculada Conceição, abrindo logo em seguida um orfanato (20).

### **Futuro promissor**

A rápida expansão da obra das Filhas da Caridade era prenúncio de um futuro promissor.

Já em 1875, o Pe. Bénit, visitador dos padres lazaristas, num relatório sobre a província do Brasil, traçava um quadro bastante otimista da expansão do instituto das Filhas da Caridade:

“As irmãs, em número de 370, estão estabelecidas em seis dioceses do Brasil: 206 ocupam 9 estabelecimentos no Rio, as outras estão repartidas em 14 casas nas outras dioceses. Se a comunidade pudesse satisfazer a todos os pedidos que lhe são endereçados, todas as províncias teriam hoje as irmãs. Dos hospitais, o maior e o mais belo é o da Santa Casa, no Rio de Janeiro. Segundo o testemunho de muitos viajantes, ele é um dos mais ricos e maiores

do mundo. Ele possui comumente 1.100 a 1.200 doentes, e 300 crianças pelo hospital. Setenta irmãs, auxiliadas por uma centena de empregados estão encarregadas de governar este grande estabelecimento. Quantas misérias de toda a espécie vêm a afluir a essa casa” (21)!

Já no fim do período imperial, em 1883, as Filhas da Caridade instalaram-se na Paraíba do Sul, onde sucessivamente exerceram suas atividades no hospital, num externato e num orfanato.

A presença das religiosas em Santa Catarina (Desterro) e posteriormente no Mato Grosso foi de curta duração. Grassando no Mato Grosso a epidemia da cólera, o Governo mandou para lá uma comissão composta de médicos e irmãs da caridade. Partiram do Rio no dia 31 de dezembro de 1886, cinco irmãs. Quando, porém, a comissão chegou a Cuiabá o flagelo já havia cessado. Voltaram todos, desembarcando no Rio a 29 de abril de 1887.

Em 1888 D. Carlos Luís D'Amour, nomeado bispo de Cuiabá, fez novo contacto com a Congregação da Missão para a vinda dos padres lazaristas, e também as irmãs da caridade vieram a estabelecer-se em Cuiabá.

Deve-se aliás, ao interesse suscitado pelo novo tipo de atividades apostólicas das Filhas da Caridade a própria expansão da congregação dos padres lazaristas. “Os filhos de São Vicente, escreve Sarneel, foram estabelecer-se no Rio, em Mariana, na Bahia, no Desterro, porque lá, como em Pernambuco, foram primeiro suas filhas” (22).

## II — Hostilidades à presença das Filhas da Caridade

Não obstante a rápida expansão do instituto das Filhas da Caridade, não foi pacífico o seu ingresso na sociedade brasileira.

Nos diversos centros urbanos onde iniciaram suas atividades tiveram que vencer resistências e hostilidades diversas, que só cessaram com o passar dos anos.

### Principais razões da oposição

Esse bloqueio à presença das Filhas da Caridade assumia três matices diversos: hostilidades pelo fato de serem estrangeiras, pelos padrões culturais que traziam e pela própria instrução feminina por elas ministrada. Essas resistências, aliás, eram apenas manifestações de uma aversão mais profunda, que vinculava as religiosas ao próprio movimento dos bispos reformadores, caracterizado como espírito ultramontano.

A hostilidade contra os estrangeiros é típica dessa época em que se consolida a independência nacional. Após três séculos de colonialismo, a aversão ao domínio estrangeiro de qualquer tipo constitui a tônica das primeiras décadas do Império. Sempre se teme no elemento estrangeiro uma possível represália à liberdade política arduamente conquistada. Por essa razão, as restrições à vinda dos religiosos da Europa são muito fortes, e se fazem extensivas às próprias irmãs.

Motivo de reserva à presença das religiosas em terras brasileiras é a diferença de costumes e de padrão de vida.

Bastante expressiva é a descrição feita pelo cronista lazarista à chegada delas em Fortaleza:

“Grande era o pasmo dos habitantes, vendo as irmãs pela primeira vez; uns ajoelhavam-se, outros aproximavam-se querendo apalpar a corneta, para verificar se era de papel; nas portas e nas janelas das casas aglomeravam-se os moradores curiosos; nas ruas corriam em bandos os meninos e as crianças em cortejo às irmãs” (23).

Típica também a curiosidade das primeiras crianças recolhidas na Casa Providência em Mariana, ao anúncio de que se festejaria o onomástico da superiora:

“Uma festa, escreve a própria Superiora, Irmã Dubos, a festa de uma irmã é coisa totalmente nova no Brasil, e nossas crianças, acostumadas a ver esses santos em dias de festas conduzidos por todos os lados e com toda a espécie de cores, perguntavam com ansiedade como eu estaria vestida, nenhuma se perguntava se eu estaria vestida, nenhuma se perguntava se eu conservaria nosso hábito, a tal ponto estavam certas do contrário” (24).

Mais forte era a reação contra a atuação educativa das religiosas. Eis como o periódico “Noticiador Católico” retrata a situação na Bahia:

“Os bons resultados que dava o Colégio Nossa Senhora dos Anjos não deixava de alarmar os inimigos de todo o bem, suscitando a emulação e a inveja de seus adeptos para

levantar-lhes uma forte perseguição por meio do órgão da impiedade que era o "Correio Mercantil". Acusaram as irmãs da Caridade de ter aberto um colégio nesta capital, denunciaram-nas ao público e às autoridades como postergadoras insolentes das leis da Província; trataram-nas de ignorantes da doutrina cristã, e de mil outros epítetos infamantes. Também pretenderam que deviam ser examinadas, e finalmente lhes disseram que eram as mais orgulhosas pecadoras, que ocupavam-se em misteres que lhes são estranhos, que abriram com toda a pompa um colégio recebendo de cada pensionista 200 mil réis e que moravam num palácio, tendo à sua disposição carros e mil outras comodidades da vida" (25).

### **Resistências em Mariana**

Desde a chegada das Filhas da Caridade em Mariana, onde vieram a chamado de D. Viçoso, as resistências apareceram.

"No princípio, escreve o Pe. Silvério Gomes Pimenta, encontraram estas senhoras esquivança da parte das famílias brasileiras, e quase não tinham onde exercer a caridade conforme seu instituto. Nem os pobres queriam entregar-lhes suas filhas, nem os doentes utilizar-se de seus maternais cuidados; e haviam mister catar a quem fazer benefícios, como os outros procuram quem lhes faça a eles" (26).

Essa resistência dos pobres e mesmo dos doentes parece evidenciar a força do conceito tradicional de que uma religiosa deveria viver fechada entre os muros do claustro. Dificil-

mente o povo conseguia coadunar a noção de virgindade consagrada com a vida apostólica que levavam essas mulheres.

Evidentemente essa situação se agravava com as malévolas interpretações que levantavam dúvida sobre a honestidade de vida dessas novas religiosas. D. Viçoso, já bem conhecedor da sensibilidade popular, procura desde a chegada das Filhas da Caridade precavê-las nesse sentido.

Ao recebê-las no primeiro dia em seu palácio, disse ao Pe. Cunha que as acompanhava: "Mostrai-lhes tudo bem, porque elas não voltarão mais aqui." De fato, quando dias após quiseram ir saudá-lo pelo dia de Páscoa, respondeu: "Dizei a nossas irmãs que eu as amo muito, e sei também que elas me estimam. Mas não posso nem recebê-las nem ir à sua residência. O clima é perverso, e por prudência devo agir assim" (27).

Acresce ao que já foi dito a falta de apreço pela educação feminina:

"Não sei que desconfiança atalhava os pais, escreve o Pe. Pimenta, para não lhes confiarem suas filhas; e sobre a desconfiança, não era pequena parte para a diminuta concorrência o pouco ou nenhum interesse que tinham entre nós os pais de família pela educação das meninas, que reputavam coisa de mui pequeno tomo; ao passo que eram mui cuidadosos da instrução dos homens" (28).

### **Hostilidades na Bahia**

Também na Bahia as Filhas da Caridade foram acolhidas com re-

serva, como se nota nas entrelinhas do discurso pronunciado por D. Romualdo na abertura do Colégio dos Anjos, em 1854:

“Recebam igualmente seus honrados pais minhas cordiais felicitações e sinceros agradecimentos por essa nobre firmeza com que, guiados por uma esclarecida consciência dos verdadeiros interesses de suas filhas, superiores a essas mesquinhas e gratuitas prevenções de espíritos superficiais, que para honra do país deveriam ficar no eterno esquecimento, correram a depositar os queridos penhores de sua ternura nas mãos e sob a tutela das beneméritas filhas do imortal S. Vicente de Paulo” (29).

Quando o arcebispo da Bahia confiou aos lazaristas a direção do Seminário Episcopal, a partir de 1856, cresceram os ataques. E o relacionamento cordial existente entre as religiosas e os padres passou a ser motivo de maledicência e de acusações:

“É incrível as calúnias que se levantaram contra os padres, atacando-os de todos os modos até na sua própria conduta e, entre outras mil, diz o Doutrinário: As irmãs da caridade iam todos os dias ao seminário levar-lhes comidas e vinhos, meterem-se nas celas dos padres lazaristas, que despídos das vestes sacerdotais comem e bebem e desatinam na embriaguez e no escândalo” (30).

Em resposta a essas acusações publicadas na imprensa o Sr. Santos Pereira, admirador dos Padres da Missão, publica uma carta enérgica no “Noticiador Católico” em defesa desses religiosos:

“Sim, eu clamo, eu grito à opinião pública. É falso este horrível boato contra os lazaristas e as irmãs da caridade. Eles são inocentes; aqueles nunca as receberam no seminário senão na mesma portaria de Santa Tereza, em pleno dia, em presença de muita gente, e perante todo o corpo de seminaristas; elas nunca transpuseram o limiar e as grades da mesma portaria” (31).

Essas hostilidades perduraram alguns anos e chegaram mesmo a ser violentas:

“A data de fevereiro de 1858, escreve o Côn. Cristiano Müller, é tristemente memorável para as irmãs da caridade, porquanto foi nessa data que espíritos sacrílegos excitados por pessoas que talvez não tivessem medido as conseqüências, invadiram brutalmente as casas confiadas a seus cuidados. A casa de preferência alvejada foi a da Providência, então sita no Pelourinho” (32).

E na crônica da casa da Providência, onde se descreve o fato com abundância de detalhes lê-se:

“Ainda que num dia de trevas e desordens, a sua casa aleivosamente assaltada pelas janelas, ainda que fossem as irmãs indignamente maltratadas, lançadas fora de sua casa e conduzidas como criminosas pelas ruas de sua prisão, onde pensavam fazê-las morrer de maneira atroz, suas obras depois marcharam em grande prosperidade, aumentando suas órfãs e meninas pobres” (33).

Também o Colégio Nossa Senhora dos Anjos foi violentamente atacado. Em discurso pronunciado no nono aniversário da confraria de São

Vicente em outubro de 1858, D. Romualdo descreve este clima de acusações contra as irmãs:

“Acresce ainda, escreve ele, a guerra insana, a hostilidade permanente e insidiosa que se há declarado, senão diretamente contra a administração da nossa confraria, sem dúvida contra o principal objeto de sua instituição, isto é, o estabelecimento do colégio de Nossa Senhora dos Anjos, dirigido pelas irmãs da caridade.

Como pois explicar, Senhores, a sua duração no meio de tantas contradições e resistências, onde se tem posto em contribuição a mentira e a calúnia, e tudo o que pode inspirar ignóbeis paixões para debelar e aniquilar esta bela criação do gênio católico...

As irmãs da caridade, dizem eles, são apenas destinadas pelo seu instituto para o curativo dos enfermos nos hospitais, e de nenhuma sorte para o ensino ou a instrução da mocidade. Mas tendes vós já lido e examinado a regra do instituto do grande Vicente de Paulo?

Tem-se, é verdade, procurado desconceituar o ensino dado pelas irmãs da caridade no Colégio de Nossa Senhora dos Anjos; mas aí estão os eloquentes relatórios dos ilustrados diretores dos estudos, que visitaram este colégio, observaram o sistema de instrução segundo as diferentes classes de alunas e lhes renderam brilhantes elogios” (34).

Não obstante, ainda na sessão da Assembléia Provincial de 12 de maio de 1859 dois deputados elevaram a voz contra as irmãs de cari-

dade. A soma das acusações dirigidas contra elas:

“1.º) Que as irmãs de caridade não se dão ao fim de sua missão, nem ao que se propôs a Assembléia, quando as mandou vir da França.

2.º) Que ainda quando o fim desta instituição fosse também o ensino primário, elas não o podiam fazer sem que primeiro se tivessem sujeitado a um exame, conforme o regulamento da instrução pública.

3.º) Que a Assembléia Provincial procure indagar se o ensino desta instituição tem tendências jesuíticas que de nenhum modo poderiam ser admitidas na província” (35).

Essa última observação demonstra que a possível vinculação das filhas de São Vicente com o ultramontanismo era o bloqueio mais profundo para sua aceitação.

O próprio D. Romualdo, no discurso acima citado de 31 de outubro afirmava:

“Engendrou-se um espantalho ou fantasma horrível para assustar e indispor o povo incauto e ignorante: o jesuitismo. Eis o grito, eis a palavra de ordem dos conspiradores contra as irmãs da caridade e os Padres da Missão” (36).

Os epítetos jesuitismo e ultramontanismo tinham conotação negativa e exprimiam a resistência dos liberais aos espíritos do movimento reformador que se ia estendendo no Brasil sob o patrocínio do episcopado. E era inegável a colaboração dos lazaristas e das Filhas da Caridade com os bispos reformadores:

“As Filhas de São Vicente de Paulo, declarava o mesmo D. Romualdo a 5 de junho de 1849, revestidas do sacerdócio da caridade, são as melhores colaboradoras do nosso ministério, pensando as ovelhas enfermas e desamparadas, enxugando suas lágrimas e oferecendo-lhes as mais doces consolações no leito da moléstia e nas angústias da morte” (37).

## Oposição em Pernambuco

Em Pernambuco a situação das religiosas parece ter sido pacífica até meados da década de 60. De fato, no relatório apresentado pelo Desembargador *P r o v e d o r* Anselmo Francisco Peretti, na ocasião da posse da Junta Administrativa da Santa Casa de Misericórdia para o biênio 1866-68 se lê:

“Tenho ouvido dizer que há quem suponha que as irmãs da caridade são sempre acompanhadas de um exército de padres lazaristas. Ignoro se isto se tem dado em outros lugares, o que sei é que nesta Província há apenas dois lazaristas, o P. Luís Calmont, superior da missão e o Pe. Arsênio Vellemain, únicos que têm ocupações nos nossos estabelecimentos, sacerdotes estes ilustrados, alheios à política e questões do país, notáveis pelo seu regular comportamento, vida recolhida e inexcedível desvelo com que ambos se empregam na instrução religiosa e direção espiritual das educandas da Casa dos Expostos e do Colégio dos Órfãos” (38).

Todavia a partir de 1868 a oposição se faz nítida. O Pe. Vellemain,

em carta em que expõe um breve histórico da obra de Pernambuco afirma:

“Em 1868 se elevou contra nós e contra as irmãs uma grande tempestade. A Assembléia Provincial nos expulsou por um voto apenas de maioria, mas o Presidente da Província não quis ratificar a lei. A partir de então nos suportam: o grande mal do país é a indiferença. Na época do saque da casa dos jesuítas fomos muito insultados, mas depois não nos disseram mais nada ou quase nada” (39).

O projeto de lei para a expulsão dos lazaristas e jesuítas era datado de 22 de abril de 1869, e assinado pelos deputados Lopes Machado e Amaral Melo. Nos discursos pronunciados na Assembléia Legislativa se exige a expulsão de todos os padres estrangeiros. Na imprensa ataca-se os religiosos e as próprias Filhas da Caridade.

A 28 de abril de 1869, o bispo de Pernambuco, D. Cardoso Aires publica uma pastoral de desagravo, em que defende a ação apostólica dos religiosos e das Filhas da Caridade:

“Consenti, amados filhos, que o vosso bispo vos dirija uma palavra de paz e amor, agora que o frêmito de paixões em vós excitados por alguns indiscretos cessou, deixando-vos enfim a liberdade de reflexão. Fomos ultrajados em nos ver obrigados a suspender por prudência os exercícios espirituais que estávamos dando ao nosso clero, fomos ultrajados em pretender-se de nós que esquecêssemos do nobre sentimento de hospitalidade, para com pessoas

de outros países, as quais pacificamente vivem entre nós na prática de boas obras, em nosso mesmo proveito. Além disso. . . mas que diremos? Resta-vos, ó povo amado, resta-vos o pudor para com ele cobrires essas escandalosas afrontas que muitos dentre vós lançaram em rosto àqueles anjos de caridade, que vos assistem na enfermidade, ministrando-vos lenitivo às dores da morte, que educam vossas filhas, dando-lhes instrução e ensinando-lhes a virtude, que tomam a seu cuidado vossos órfãos, quando prematura morte afrouxa e deixa exânime vossos abraços paternos, que bafejam esses tenros infantes, a quem desapiadadamente mães abandonaram, como se não fosse o fruto de seu próprio seio; e com que heroísmo de caridade desempenham tudo isto vós mesmos sois testemunhas, se pensardes tranquilamente” (40).

Assim, pois, também em Pernambuco as Filhas da Caridade, consideradas colaboradoras do movimento reformador dirigido pelo episcopado brasileiro, eram envolvidas na mesma luta.

## Conclusão

É inegável a contribuição efetiva das Filhas da Caridade na formação da sociedade brasileira no século passado. Não se lhes pode negar grande zelo e dedicação tanto no cuidado dos enfermos como na educação da juventude feminina. Em ambos os aspectos elas foram pioneiras, criando um tipo novo de presença religiosa feminina dentro da sociedade da época imperial. A elas se deve também uma positiva colaboração para

a elevação do nível cultural da mulher brasileira, até então geralmente mantida alheia aos currículos escolares.

Foram, além disso, valiosos instrumentos utilizados pelos bispos reformadores para fazer penetrar a instrução religiosa no seio da juventude feminina e no próprio lar das famílias brasileiras.

“Os pensionatos que nossas irmãs têm no Brasil, declarava o visitador Pe. Bénit, são casas de educação para moças de boa família. Os superiores permitiram às Filhas da Caridade esta obra, por causa de penúria que há neste país de boas casas de educação. O mais importante desses pensionatos é o do Rio de Janeiro, que abriga duzentas jovens das melhores famílias da região”.

E a seguir acrescenta:

“Os orfanatos são em geral magníficos estabelecimentos, pelos quais as administrações fazem os maiores sacrifícios. O número de meninas que ai são educadas se eleva a cerca de duas mil e quinhentas. Não falo aqui de externatos, porque esta obra não teve grande desenvolvimento e é bem pouco conhecida. É a meu ver, muito a lastimar. Esta obra faria um bem imenso neste país” (41).

Por sua vez o Pe. Issaly declara, falando do pensionato da Bahia:

“Já iniciamos a obra de reforma da família: as pensionistas das irmãs, que afluem, são destinadas pelas fundadoras a operar este bem nas altas classes. Foi fundada a obra contando esses bons resultados. As primeiras famílias da Bahia já enviaram suas filhas. Ao mesmo tempo,

as escolas gratuitas recolhem uma multidão de meninas de classe média” (42).

Por outro lado, é imprescindível indicar também algumas limitações em suas atividades apostólicas. Não se evidencia entre elas adequada sensibilidade para com a realidade cultural brasileira, impondo facilmente padrões europeus de hábitos e costumes, o que lhes impede de penetrar mais profundamente no ânimo da juventude e do povo em sua ação educativa e social.

Interessante a esse respeito a observação do visitador Pe. Bénit, que reflete um modo de ver europeu da problemática da juventude brasileira:

“Entre as jovens, há geralmente pouca piedade, embora se aproximem freqüentemente dos sacramentos. Este defeito provém em grande parte da primeira educação, que foi bem pouco cristã, e também pela comunicação muito freqüente que devem ter como um mundo em geral mais pagão que cristão. Enfim, e talvez principalmente, provém de certa moleza de caráter produzindo um descaso espiritual, incompatível com a virtude. Não saem quase nunca de si mesmas, ou antes, não se vive senão a vida natural. Todavia, deve-se reconhecer que em geral há bastante obediência entre elas. Respeitam e amam suas mestras, e possuem certa boa vontade ” (43).

Seria necessário aprofundar o estudo do tema para que se pudesse medir até que ponto as Filhas da Caridade, acusadas de “estrangeiras” souberam, de fato, encarnar-se na realidade cultural brasileira.

Acresce que, não obstante o novo estilo de vida, elas se enquadram perfeitamente dentro da espiritualidade do movimento reformador, que visa criar não só a imagem do padre como “santo” e “enviado de Deus”, mas também, analogamente, das religiosas, como “anjos de Deus na terra”. Em oposição à “vida natural” denunciada pelo Pe. Bénit, criase um clima de certo modo artificial da presença do divino e do sobrenatural. Se as religiosas se aproximam do povo, se estão à cabeceira de um doente ou à frente de uma escola, são sempre “anjos de Deus”, “enviadas pelo céu”.

Ilustrativos deste aspecto são os episódios narrados pela irmã Dubos em carta endereçada a Paris:

“Ontem uma órfã chorava ao deixar seu pai, e fazia esforços para segui-lo. A mais jovem das meninas percebeu e disse com certa indignação: Bernarda não quer permanecer na casa do bom Deus”.

E acrescenta:

“Duas pequenas conversavam e uma dizia para a outra falando da Irmã Serafina: É uma flor descida do céu. De fato, ela desceu do céu, acrescentava a outra, porque se não viesse, não poderia falar assim do bom Deus” (44).

Em um recente estudo sobre os Padres da Missão, ainda manuscrito, o Pe. Groetelaars enfoca também o problema da seleção de vocações para o instituto das Filhas da Caridade:

“No seu livro sobre Luíza de Marillac, co-fundadora das irmãs de caridade, Pe. Guilherme Vaessen, la-

zarista holandês, escreve que somente moças de cor branca podem se apresentar com irmã de caridade. O que significa: quem não tem cor branca, não tem vocação para a Congregação das Irmãs de Caridade. O mesmo princípio selecionador usavam os Padres da Congregação da Missão. Pessoas de cor, como se diz, não são aceitas.

Temos um exemplo de um lazarista que quis quebrar esse tabu (além de D. Viçoso, que educou Dom Silvério Pimenta, filho de escravos de Congonhas, primeiro bispo preto do Brasil). É o padre Venâncio que trabalhou muitos anos em Recife entre os pobres e teve que fundar uma congregação religiosa de "mulatas" que não podiam tornar-se irmãs de caridade.

Comumente fala-se num problema social — as famílias e a moral não estariam à altura de poder comprometer-se — no entanto parece-

nos que a procedência e a seleção das candidatas provocaram um círculo vicioso. Generaliza-se uma ou outra tentativa fracassada e termina-se em formular regras, como no caso do Pe. Guilherme Vaessen" (45).

Convém esclarecer contudo que esses critérios seletivos não eram exclusivo das Filhas da Caridade, mas dos próprios religiosos que colaboravam diretamente com os bispos reformadores, tanto os capuchinhos como os Padres da Missão. Destes últimos, aliás, dependiam as Filhas da Caridade quanto à direção espiritual.

As limitações assinaladas, por sua vez, não diminuem de modo algum a autenticidade do trabalho apostólico das Filhas da Caridade e seu marcante significado como valiosas colaboradoras do episcopado na implantação do movimento de reforma católica no século passado.

## NOTAS

1. AZZI, R., **O Movimento Brasileiro de Reforma Católica durante o Século XIX**, em REB, 1974, 646-662.

2. AZZI, R., **Os Padres da Missão e o Movimento Brasileiro de Reforma Católica no Século XIX**, em Convergência, 1974, dezembro.

3. AZZI, R., **Os Capuchinhos e o Movimento Reformador do Século XIX**, artigo da próxima publicação em Revista Eclesiástica Brasileira.

4. **Annales de la Congregation de la Mission**, Paris, 1855, XX, 18.

5. Coleção de **Obras de D. Romualdo Antônio de Seixas**, Bahia, 1852, IV, páginas 217-222.

6. **Relatório da Mesa da Santa Casa de Misericórdia**, Bahia, 1858.

7. PIMENTA, Silvério Gomes, **Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso**, 3.<sup>a</sup> edição, Mariana, 1920, 127-128.

8. Idem, página 144.

9. Idem, página 161.

10. SARNEEL, **Repertório Histórico**, 68. Manuscrito do Arquivo Provincial da Congregação da Missão, Rio de Janeiro.

11. Coleção de **Obras de D. Romualdo Antônio Seixas**, Bahia, 1852, IV, 217-222.

12. Idem, páginas 510-515; 317-321.

13. MÜLLER, Cristiano, côn., **Memória Histórica sobre a Religião na Bahia**, Bahia, 1923, 147-149.

14. **Annales de la Congregation de la Mission**, Paris, 1855, XX, 72.

15. *Idem*, página 39.

16. Os dados sobre essas fundações encontram-se no manuscrito do Padre Sarneel, **Repertório Histórico** e em outro manuscrito intitulado **História da Casa da Bahia**, redigido provavelmente por uma Filha da Caridade. Ambos se encontram no Arquivo Provincial da Congregação da Missão, Rio de Janeiro.

17. SARNEEL, **Repertório Histórico**, Pernambuco, manuscrito do Arquivo Provincial dos Padres da Missão, Rio de Janeiro.

18. **Les Missionnaires et les Filles de la Charité en Pernambuco**. Manuscrito de 1906. Arquivo Provincial da Congregação da Missão, Rio de Janeiro.

19. **Annales de la Congregation de la Mission**, Paris, 1865, XXX, página 612.

20. **Album Histórico do Seminário Episcopal do Ceará**, 1920, págs. 24-26.

21. **Annales de la Congregation de la Mission**, Paris, 1875, XL, página 630.

22. SARNEEL, **Repertório Histórico**, 115. Manuscrito do Arquivo Provincial da Congregação da Missão, Rio de Janeiro.

23. **Album Histórico do Seminário Episcopal do Ceará**, Ceará, 1920

24. TRINDADE, Raymundo, **Arquidiocese de Mariana**, 2.<sup>a</sup> edição, Belo Horizonte, 1955, II, página 29.

25. **Noticiador Católico**, n.º 43, 6. Bahia.

26. PIMENTA, Silvério Gomes, **Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso**, 3.<sup>a</sup> edição, p.920, página 158.

27. TRINDADE, Raimundo, **Arquidiocese de Mariana**, 2.<sup>a</sup> edição, Belo Horizonte, 1955, II, páginas 29-30.

28. PIMENTA, Silvério Gomes, **Vida de D. Antônio Ferreira Viçoso**, 3.<sup>a</sup> edição, Mariana, 1920, página 159.

29. Coleção das **Obras de D. Romualdo Antônio de Seixas**, Bahia, 1859, VI, páginas 239-240.

30. **História da Casa da Bahia**, 85-86. Manuscrito do Arquivo Provincial da Congregação da Missão, Rio de Janeiro.

31. *Idem*, *ibidem*.

32. MÜLLER, Cristiano, Côn. **Memória Histórica sobre a Religião na Bahia**, Bahia, 1923, páginas 147-149.

33. **História da Casa da Bahia**, 39. Manuscrito do Arquivo da Congregação da Missão, Rio de Janeiro. Neste manuscrito registram-se alguns tópicos interessantes sobre a vida interior do Recolhimento da Casa de Misericórdia.

"1843: Vindo, portanto, o Recolhimento em vez de um colégio de educandas a parecer uma casa de correção, pela acumulação de tanta gente" (Relatório da Administração).

"1847: Se julgou necessário retirar do Recolhimento as expostas de menor idade, criando-se para elas uma administração particular pelo notável desleixo em que eram ali tratadas, a ponto de vir uma a parecer pelas feridas que lhe fizeram os ratos, quando estava de cama, sem que nenhuma recolhida com isso se incomodasse" (Relatório da Administração).

"1856: Julho. As recolhidas em geral com poucas exceções viviam vagando pela casa sem ocupação nenhuma de utilidade, sem fazer mais que estar nas janelas, onde freqüentemente a decência era completamente sacrificada e a vizinhança honesta assaz escandalizada. A maior parte não sabia ler nem escrever. Não tinham refeitório regular senão para a menor idade, tomando as maiores suas rações para a seu sabor as temperar em seus cubículos comuns, e outras para as vender por preços miseráveis a sujeitos para isso afreguezados."

"1857: Setembro. Chegam da França as Irmãs para tomar posse do Recolhi-

mento. Difícil era que pessoas acostumadas de longa data à ociosidade e à desordem se entregassem voluntariamente ao trabalho e à ordem. Mas a extirpação dos abusos era um direito para um negócio tão grave e delicado, porque ferindo ao mesmo tempo os gostos das recolhidas, a depravação de seus devotos e os interesses mesquinhos dos fregueses de rações, devia produzir uma oposição desesperada. Para as recolhidas era uma opressão intolerável o proibir-lhes a conversação com os homens das janelas a baixo, a comunicação por carta com pessoas estranhas à sua família, as visitas de dias inteiros na mesma casa, o costume de andar desalinhas, quase despidas e descalças, o comer fora do refeitório, o vender as rações, etc. Pelo que se irritavam contra o novo regime, desabando-se com palavras e com improperios indignos do seu sexo e praticando outras ações grosseiras e escandalosas, e logo incitadas e aconselhadas por almas perversas de fora da casa, se excederam escandalosamente e se constituíram em rebelião aberta.”

“1858: 28 de fevereiro. Aproveitando o concurso de gente que se reunia para a missa dominical na catedral, de repente romperam em gritos e vozerios espantosos apresentando-se às janelas com lastimosos brados e pedindo socorro, para que as livrassem das irmãs de caridade que as queiram matar” (Relatório da Casa da Bahia, páginas 51-57).

34. **Coleção de Obras de D. Romualdo Antônio de Seixas**, Bahia, 1859, VI, páginas 266-274.

35. **História da Casa da Bahia**, página 24.

36. **Coleção das Obras de D. Romualdo Antônio de Seixas**, Bahia, 1859, VI, páginas 266-274.

37. *Idem*, *ibidem*, 1852, IV, página 217.

38. Pasta “Pernambuco”. Documentos e Correspondências. Arquivo Provincial da Congregação da Missão. Rio de Janeiro.

39. VICKELMANN, Teodoro, **D. Francisco de Cardoso Aires**, Recife, 1970.

40. **Annales de la Congregation de la Mission**, Paris, 1875. XL, páginas 622-632.

41. *Idem*, *ibidem*, 1855, XX, página 58.

42. *Idem*, *ibidem*, 1875, XL, páginas 632-633.

43. TRINDADE, Raimundo, **Arquidiocese de Mariana**, 2.<sup>a</sup> edição, Belo Horizonte, 1955, II, págs. 29 ss.

44. GROETELAARS, M., **A Atuação dos Lazaristas no Brasil do Século XIX e Começo do Século XX**. Manuscrito.

# LIVROS NOVOS

DEVANT DIEU ET POUR LE MONDE  
Le Projet des Religieux, J. M. R. Tillard, O.P.  
Paris, Cerf, 1974. 460 páginas.

Apresenta

Pe. MARCELO DE CARVALHO AZEVEDO, sj.  
Presidente Nacional da CRB

Através de numerosos artigos e livros, P. Tillard se firmou como um dos maiores teólogos atuais da Vida Religiosa. Mas é sobretudo esta grande obra que vai identificá-lo como **O** teólogo que, no pós-Concílio, em meio a uma das fases mais convulsas jamais vividas pelos Institutos Religiosos no mundo inteiro, se deu ao trabalho de aprofundar, investigar, comparar, purificar e apresentar em sua originalidade e vigor a intuição desta Vida **DIANTE DE DEUS E PARA O MUNDO**, que é o projeto dos religiosos. O mérito principal desta obra é a riqueza de sua síntese na extraordinária lucidez de sua análise. Estas quase 500 páginas, triplicadas ou mais pela impressionante informação bibliográfica que se adensa em suas notas constituem, no meu entender, a melhor e a mais completa contribuição para a reta compreensão da **VIDA RELIGIOSA**, na Igreja e no Mundo, como uma vocação apostólica específica, a não ser confundida com outras vocações e carismas, com outras formas e modos de vida, e a ser preservada e vivificada no seu sentido primigênio, tão esbatido e desfigurado senão mesmo destruído em não poucas de suas concretizações a nosso alcance. O livro se abre por um realista e incontestável diagnóstico do que vivemos hoje, dos problemas centrais que defronta o mundo, a Igreja, a vida religiosa neste contexto. Não se trata da costumeira ladainha de lugares comuns. É uma análise aguda do novo tipo de homem na sociedade nova que se vem for-

mando. É a interrogação leal mas serena sobre os critérios de nossa presença de religiosos aí, com os problemas de fé e de missão, duas grandes coordenadas em torno das quais se grupa a perplexidade generalizada de quase todos os Institutos Religiosos neste momento.

É exatamente sobre esta constatação de realidade, que Tillard vai projetar, num misto de pesquisa histórico-teológica, com grande sensibilidade espiritual, a luz das origens. Enfrenta a questão espinhosa dos “conselhos evangélicos”, como tópico diuturno e controvertido de uma ou muitas teologias sobre a vida religiosa. É uma das partes mais densas e ricas de erudição nesta espécie de “summa” de inestimável valor.

Passa então a detectar o fundamento evangélico da vida religiosa. Paradoxalmente, na conclusão honesta sobre a dificuldade de identificar textualmente na Escritura o projeto religioso, Tillard nos conduz à iniludível vinculação entre este e a concretização radical do seguimento de Jesus Cristo na vida cristã de todos os tempos.

Os capítulos que se seguem, a outra metade do livro, iluminam, com rara profundidade e discernimento, a dimensão comunitária do projeto religioso, seus aspectos vocacionais, proféticos, missionários e eclesiais. Finalmente, retomando de novo a investigação histórico-teológica, entra a fundo na questão recentemente tão agitada, do significado e alcance dos três votos.

Aqui emerge uma vez mais, explicitamente, o fio condutor de toda a obra, que nos leva a ver a vida religiosa como VIDA, como um projeto de toda a pessoa, como a consagração de sua totalidade. Esta é precisamente uma das facetas mais fecundas deste livro. Ao mesmo tempo que nos poderá alimentar na meditação e reflexão sobre nossa vida viva, ele nos permitirá apresentar aos jovens de hoje uma imagem fascinante da vida religiosa, sumamente coerente e livre, exigente e desafiadora. É exatamente nesta moldura que a obra finaliza focalizando o “ser no mundo” da vida religiosa, numa releitura de sua presença ao homem contemporâneo.

O estudo sério deste livro pelos Religiosos, por seus Provinciais, Mestres de Noviços, Orientadores de Formação primordialmente, mas também por Bispos e Leigos, pode ser um subsídio precioso para a reta compreensão da “identidade da vida religiosa” como vocação entre as vocações na vida da Igreja. A CRB, ao criar em agosto de 1975 o CENTRO TEOLÓGICO DE ESTUDOS E ESPIRITUALIDADE PARA A VIDA RELIGIOSA, sobre o qual informou já a todos os Superiores Maiores do Brasil, pensa fazer desta obra um como **texto de fundo**, obra de referência e consulta.

Lançado no 2.º semestre de 1974, pelas Editions du Cerf, em sua excelente coleção “Cogitatio Fidei”, este livro foi á pouco traduzido em espanhol. Estamos informados de que Edições Loyola solicitou já os direitos para a tradução portuguesa no Brasil.

**A POLÍTICA DA EXPERIÊNCIA E A AVE-DO-PARAÍSO**, R. D. Laing. Tradução do original inglês **The Politics of Experience and the Bird of Paradise** de Áurea B. Weissenberg. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 144.

O que significa mesmo uma **pessoa normal**? Já terá existido em algum lugar aquilo que se convencionou chamar de **pessoa normal**? O normal não seria, antes de tudo, uma espécie de camisa de força, tecida de conformismos, com que a Sociedade veste logo a criança, assim que ela nasce? Continuando: quais serão as fronteiras reais entre a saúde mental e a loucura? Aliás, estes dois termos têm realmente sentido? O esquizofrênico pode muito bem ser aquele que se mostrou capaz de anular os seus próprios instintos normais e se conformou com os moldes de uma sociedade... anormal. Este livro, importantíssimo, trata das raízes da chamada normalidade. Para defender sua tese, o autor faz apelo à ciência, às suas pesquisas pessoais, e também à retórica, à poesia e à polêmica, a fim de confirmar os seus pontos de vista. A realidade que descobre tem um terrível gosto amargo, mas é a verdade. "Nossas realidades sociais revelam-se feias à luz da verdade exilada e a beleza já quase não é possível, se não for falsa."

Laing nasceu em Glasgow, Inglaterra, 1927. Como psiquiatra e psicanalista, suas pesquisas têm girado sobretudo em torno da esquizofrenia, dos diversos tipos de família e da variedade da

experiência humana, incluindo as experiências induzidas por alguns tipos de drogas. A Editora Vozes já publicou os seguintes livros de R. D. Laing: **O Eu e os Outros**, **O Eu Dividido** e **Laços**.

●  
**INÁCIO DE LOYOLA**. Autobiografia. Tradução e notas do Pe. Armando Cardoso, SJ. Edições Loyola. São Paulo, 1974. Páginas 152.

Alguns dos principais jesuítas de Roma pediam a Santo Inácio quisesse deixar-lhes a narração de sua vida, pelo grande bem que disso resultaria para toda a Companhia de Jesus. O santo custou-se a decidir. Mas um dia pareceu-lhe que o desejo dos Padres vinha de Deus e depois de três missas, por eles celebradas nesta intenção, chamou o Pe. Luís Gonçalves da Câmara, ministro da casa, em quem depositava muita confiança, e começou a contar-lhe toda a sua vida.

Passeavam ambos, Inácio narrava e Gonçalves da Câmara ouvia com grande atenção, procurando gravar todo o fio da conversa, não só os fatos, mas as frases e as palavras. O ouvinte, voltando ao quarto, punha logo por escrito os fatos principais da narração. À primeira oportunidade, estendia o relato com as próprias expressões do Santo. O Pe. Câmara era homem de privilegiada memória, como o atestam todos os contemporâneos. Não podemos duvidar da fidelidade extrema com que executou a obra, para a qual o escolhera Inácio, que bem o conhecia.

Esta autobiografia é de grandíssimo valor. "É o mais fidedigno testemunho da vida do Santo que se avanta a todos os demais", afirma o Pe. Cândido Dalmasses, um dos maiores estudiosos do documento. É um livro que irá fazer muito bem, pois, no mundo atual, nos dizem muito mais os fatos e as vidas do que as palavras. E aqui temos um testemunho eloqüente do que a graça pode fazer com pobres instrumentos humanos e da fidelidade a esta graça por parte deste coração generoso, que foi Inácio de Loyola.

●

**BRASIL: RADIOGRAFIA DE UM MODELO**, Nelson Werneck Sodré. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 184.

A edição original deste livro foi publicada na Argentina, como uma resposta e quase um grito de alarme, para aqueles que, no país vizinho, propunham o modelo brasileiro como sendo o "milagre" que também os tiraria do impasse a que haviam chegado. Atendendo a solicitações de estudiosos de nossos problemas econômicos, sociais e políticos, vem agora a público a edição brasileira. Algumas pequenas diferenças entre os dois textos são por conta de uma necessária atualização de análises em torno de situações que mudaram, tanto no Brasil como no resto do mundo.

Para que os nossos vizinhos pudessem compreender a situação atual do Brasil, o autor elaborou uma verdadeira pré-história e história político-econômico-social brasileiras, legando-nos, assim, da época colonial até a situação em que hoje encontramos, um resumo crí-

tico de inestimável valor, também para o estudioso pátrio. Talvez não exista, em letra de forma, um estudo crítico mais lúcido e mais objetivo do que este, sobre um "milagre" que, se não pode ser apresentado como satisfatório para o povo visado, que não consegue colher seus resultados, muito menos o deverá ser para os demais povos.

●

**JESUS PERANTE A SUA VIDA E A MORTE**, Jacques Guillet. Tradução do original francês *Jésus devant sa Vie et sa Mort*, do Pe. Frans van de Water, MSC. Edições Loyola, 1974. Páginas 240.

Que podemos compreender de Jesus? Se é impossível traçar a sua biografia, é ainda mais insensato querer reconstruir a sua psicologia. Portanto, entre a nudez de um não-saber quimérico e as ilusões de um literalismo ingênuo, não parece totalmente descaminhada a procura, através dos evangelhos, dos traços de uma existência real e a presença de uma pessoa indiscutível. Ocupamo-nos primeiramente nesta obra do problema do mito. O Novo Testamento considera Jesus como um personagem divino, o Filho de Deus. Não será quebrar este ídolo para reencontrar a fé? É o problema da personalidade de Jesus, da maneira como ela se revela e se comunica.

Para tratar este assunto é necessário passar pela consciência de Jesus. Passagem perigosa, porque a palavra é ambígua e a realidade infinitamente delicada para ser abordada. É necessário, portanto, que o acontecimento relatado pelos evangelhos haja sido bem

vivido por Jesus, que se trate de sua vida e da sua morte.

Para verificá-lo, uma leitura dos textos, sensível às questões da crítica e aos valores da experiência espiritual, parece um caminho possível. Ela faz aparecer a coerência profunda da linguagem evangélica, ela faz compreender como em uma aparência e em uma palavra de homem, Deus se dá a conhecer. Desta maneira, esta obra pretende iniciar ao mesmo tempo na leitura dos evangelhos e na compreensão do mistério de Jesus Cristo.

●

**CORAÇÃO DE CRIANÇA**, Roque Schneider. Edições Loyola. São Paulo, 1975. Páginas 104.

A vida é uma escola com lições diárias. Escola sem férias. E mestres variados. Viver é aprender. E aprender é viver. Os instalados, os donos da verdade, os que dizem e pensam que já não há lições novas a aprender, por certo envelhecem prematuramente. Coração aberto é sinal claro de juventude de espírito. Coração fechado é decrepitude antecipada, morte aos pedacinhos, já em vida. A vida é digna de ser vivida, porque nos oferece uma nova revelação de fé, de esperança e otimismo, a cada amanhecer.

Em **CORAÇÃO DE CRIANÇA**, Roque Schneider oferece com estilo ágil e otimista que o caracteriza como escritor e como pessoa, uma série de belas lições tiradas da vida das crianças. Neste difícil empenho de tornar-se crianças, as grandes lições nos devem vir dos pequeninos. E como elas aparecem. É só prestar atenção.

**ANÁLISES LINGÜÍSTICAS**, Lúcia Maria Pinheiro Lobato, Bernard Pottier, Francisco D'Introno, Anne-Marie Loffler-Laurian, Anne-Marie Vidal. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 200.

Os diversos autores deste livro são todos linguístas apaixonados pelas pesquisas a que se dedicam. Com títulos como: a relação semântica entre o verbo de espaço e preposição em espanhol; verbos auxiliares em português contemporâneo; os títulos dos jornais; estudo comparativo português-espanhol-francês, para uma análise sêmica da aprendizagem de uma língua estrangeira, a unidade do livro se faz no esforço de todos de apresentar alguns aspectos da análise semântica na sua relação com as estruturas sintáticas. Na introdução são precisadas as linhas gerais que exprimem os princípios de coerência que dirigem as pesquisas. Mais uma obra que vem enriquecer sobremaneira o acervo da Editora Vozes na matéria e que será bem recebida pelos nossos estudantes e professores de lingüística.

●

**ENTRE LUZES E SOMBRAS**, Manuel Iglesias Rivas. Tradução do original espanhol **Entre Luces y Sombras**, da Abadia de Nossa Senhora das Graças. Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 144.

O livro tem este subtítulo: Uma visão cristã da realidade. Eis a linha de pensamento do autor:

« Toda a realidade que se conhece e tenta para a comunicação. O que me rodeia influi em mim e eu influo no que me rodeia. A realidade se me apresenta, pois, como um todo.

2. A necessidade de auxílio mútuo que se observa na realidade, culmina e torna-se conciente no homem.

3. O grau supremo de comunicação interpessoal é sempre encarnada na matéria, existe através do sensível. A natureza de uma comunicação assim, não pode ser transparente, mas em claro-escuro, sinais. O sensível revela e esconde, ao mesmo tempo, a profundidade das pessoas que se comunicam. Daí a necessidade de abertura, esforço e colaboração para que o diálogo seja possível.

4. A comunicação mais perfeita se realiza no amor. Este pode ser acolhido como dom ou rejeitado. Esta opção é possível dentro de uma realidade claro-escuro, que permite optar pela luz ou pelas sombras que rodeiam as pessoas.

5. A condição humana contém luz e trevas. Temos de aceitá-la tal como é e lutar para conquistar a luz em todos os setores de nossa existência.

6. A comunicação entre Deus e o homem se adapta sempre a esta condição humana (lei da encarnação). Não podemos esquecer que a fé, é fé do homem. Assim se evitam explicações simplistas.

7. A experiência humana e a fé não estão em contradição, mas iluminam-se mutuamente. Deus é amor, é pessoal e social. O homem é sua imagem. O plano de Deus brota do amor e se encaminha para o amor.

8. A realidade criada alcançará seu pleno sentido quando sua unidade for alcançada, sem as atuais obscuridades. Então se dará a comunhão no amor en-

tre todas as criaturas, e entre a criação e Deus. Nossa tarefa atual de homens é caminhar para a luz que já se filtra nos sinais do cosmos, de Cristo e da Igreja.

●

**QUEM É INÁCIO DE LOYOLA?** Jean-Claude Dhotel. Tradução do original francês **Qui es-tu Ignace de Loyola?** Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 128.

Quem és? Pergunta sem resposta. Nunca se esgotou o mistério de um ser humano. Ao acabar de escrever, torna-se à mesma pergunta. E o leitor tem vontade de conhecer mais profundamente a Inácio de Loyola. Personalidade fascinante, mas como tudo que é fascinante, incute certo temor.

Muitas pessoas fizeram os Exercícios ou Retiros e deles se inspiram. Nestes tempos de incertezas e de descalabros, de imensas esperanças também, que caracterizam as épocas de mutação, experimentem-lhes o valor. Muitos porém não conhecem o seu autor. Comprovando-o, quis fazer ver que os Exercícios e a vida de Santo Inácio são uma coisa só. Basta ler **QUEM É INÁCIO DE LOYOLA**, para verificar.

●

**IDÉIAS FUNDAMENTAS** do Movimento de Cursilhos de Cristandade. Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 176. Sexto volume da Coleção Cursilhos de Cristandade. **O SEGREDO DE FÁTIMA, NAS MEMÓRIAS E CARTAS DA IRMÃ LÚCIA**, Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 206. Com introdução e notas do Padre Antônio Maria Martins, SJ.

● **DEUS TE ESPERA**, Pe. Alfredo Pérez, mercedário. Ano 1974. Páginas 274. São aulas de religião que o autor deu e dá na Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro. ● **CATEQUESE DO PRÉ-CULTO**, Frei Barnardo Cansi, OFMCap. Livraria Sulina, 1975. São três pequenos volumes: o primeiro dedicado ao Catequista, o segundo ao Aluno e o terceiro, aos Pais. Os volumes são fruto de uma experiência testada em cinco anos. Tenta entrosar a família, paróquia e a escola.

## **DOCUMENTOS DA CNBB**

Editados pelas Edições Paulinas, recebemos os seguintes volumes: Vol. 2: **PASTORAL DA EUCARISTIA, SUBSÍDIOS**. Ano 1974. Páginas 88. Será um precioso instrumento nas mãos dos Agentes de Pastoral para uma vivência eucarística mais aprofundada. Ensina a quebrar a rotina que dificulta a participação como ainda a manter a unidade eclesial. Vol 2: **IGREJA E POLÍTICA**.

**SUBSÍDIOS TEOLÓGICOS**. Ano 1974. Páginas 56. Não se trata de um Pronunciamento mas de um subsídio para a reflexão. Sua natureza é de ordem teológica. Vol 3: **COMUNIDADES: IGREJA NA BASE**. Ano 1974. Páginas 200. Diante da sacramentalidade da Igreja e das grandes mudanças inerentes ao pluralismo das diferentes regiões do país, percebeu-se a necessidade de redescobrir a fraternidade cristã, nas suas raízes mais fundamentais. As Comunidades Eclesiais de Base respondem à esta realidade. Vol. 5: **A PASTORAL VOCACIONAL**. Realidade, reflexões e pistas. Ano 1974. Páginas 160. São documentos capazes de oferecer aos educadores, formadores, pastores, e interessados em geral, alguns instrumentos de fundamentação das próprias iniciativas concretas e práticas. Vol. 6: **IGREJA E EDUCAÇÃO**. Perspectivas Pastorais. Ano 1974. Páginas 80. Abrange três estados: A Escola Católica no mundo de Hoje. Perspectivas de Pastoral Estudantil para Adolescentes. Perspectivas de Pastoral Universitária.

**Crédito-**

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

**Distribuição e venda-**

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

**Investimentos -**

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa  
presta todos  
os serviços  
de um banco de  
investimento.  
E está entre os  
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução. Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento. Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

**Conselho de Administração**

*Presidente*

Juscelino Kubitschek de Oliveira

*Conselheiros*

Lucas Lopes

Baldomero Barbará Filho

Louis Steurman

Luiz G. de Souza Lima

Victor Nunes Leal

Fernando Geraldo Simonsen

Mme. Lilliane V. Schneider

**Diretoria Executiva**

*Presidente*

Baldomero Barbará Neto

*Vice-Presidentes*

Rodrigo P. de Pádua Lopes

Rodolfo E. Antici

Carlos Alberto Mendes

Henrique Souza Lima

*Diretores*

Roberto Lima Neto

Lúcio Santos Pereira

Marcos Milliet

José Guilherme Padilha

Cel. Mucio Scorzelli

**Diretoria Adjunta**

Carlos Murilo F. dos Santos

Wladimir Rioli

Júlio Rego

Evandro F. Paiva

# Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel: 244-5022

São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels: 256-8696 - 256-7880

Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel: 26-9751 e

Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel: 22-1577

Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M

Lojas 3 e 6 - Tels: 24-8609 - 24-9609

Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel: 24-1140